GÓRGONA

REVISTA LITERÁRIA



PESADELOS E PERSONIFICAÇÃO

#2

Górgona

é uma revista literária digital com curadoria, edição e organização de Jarid Arraes. A publicação é um projeto Hub Górgona, especializado em explorar as diversas faces do trauma na literatura e escrita.



Fotografia de capa:
Edoardo Tommasini



EDIÇÃO #2

02 ***Introdução***

06 ***Apresentação:*** *Entre ossaturas e serpentes, de Jarid Arraes*

08 ***Conto:*** *Herança, de Marilise Mônaco*

12 ***Poesia:*** *Fuga, de Julia Caiuby*

13 ***Conto:*** *king kong em mim, de Érika Oliveira*

15 ***Poesia:*** *em tenra idade meninas engolem caninanas, de Ellen Kravasaras*

17 ***Poesia:*** *Leviatã, de Fabiano Oliveira*

19 ***Conto:*** *O bico, de Bruna de Lara*

23 ***Poesia:*** *O sonho, de Marcelle Louback*

24 ***Poesia:*** *infértil desejo, de Juliana Judice*



25 ***Poesia:*** *Mais uma noite sem sol, de Nuno Gonçalves Pereira*

27 ***Poesia:*** *Uma casa, de Iariny Carvalho*

29 ***Especialista:*** *Contribuições psicanalíticas, de Kelly Linhares Severino*

35 ***Poesia:*** *Orgasmo Subliminar, de Marcelo Moreira*

37 ***Conto:*** *Ela aguenta, de Renata Miloni*

39 ***Conto:*** *Canibalismo só para crianças, de Luizza Milczanowski*

44 ***Autora:*** *Provocar o corpo do leitor, com Bruna de Lara*

51 ***Poesia:*** *Plástico, de Daniel Vaccaro*

53 ***Poesia:*** *estrambótico corpo, de Jeff Mercadante*

60 ***Poesia:*** *Roupa de cama, de Rodrigo Ortiz Vinholo*

61 ***Poesia:*** *vale do flegetonte, de Vânia Karen Trentini*

63 ***Conto:*** *666, de Clara L'avenir*

65 ***Conto:*** *Ato de contrição, de Julia Alfa*



69 ***Conto:*** *A imunda, de Mariana Mohsin*

71 ***Conto:*** *Roda/Moinho, de Patricia Retti*

73 ***Poesia:*** *[dançar sobre os ossos], de noi soul*

75 ***Conto:*** *Sacramentum Matrimonil, de Victor Miranda*

77 ***Conto:*** *Siliba, de Viviane Oshima*

81 ***Poesia:*** *interna, de Julia Maria*

83 ***Poesia:*** *bilhetes noturnos, de lude freitas*

87 ***Conto:*** *gatos pretos não vêm ao caso, de Júlia Rathier*

91 ***Conto:*** *Terra do sol, de Carmen Guerreiro*

101 ***Poesia:*** *Inventário das coisas que ouviam, de Axé Silva*



ENTRE OSSATURAS E SERPENTES

Jarid Arraes



Criaturas-sombra, garras negras, sons guturais, chamas, tsunamis, dentes caindo. Os clássicos e aqueles que nosso cérebro trama. Para esta segunda edição da Revista Górgona, fiz uma chamada aberta com o tema *"Pesadelos e Prosopopeia"*. Entre os selecionados com poemas e contos, observei a repetição de diversos elementos, como serpentes, águas e ossos. Os autores publicados aqui compuseram um conjunto coeso como tapeçaria e eu, que sou leitora apaixonada pelo horrível e sombrio, lanço esta publicação com imenso orgulho.

É importante lembrar que todo o trabalho de curadoria de textos e fotografias, organização e publicação é feito apenas por mim. A Revista Górgona é um projeto de amor pela literatura, pelos estudos sobre o trauma e pela prática de sempre apoiar autores iniciantes e independentes.

Aproveite a experiência!



Jarid Arraes é autora de obras traduzidas para francês, espanhol, italiano e inglês, publicou o romance *Corpo desfeito* e o premiado livro de contos *Redemoinho em dia quente*, vencedor dos prêmios Biblioteca Nacional e APCA, além de finalista do prêmio Jabuti. Jarid é mentora de escrita, criou o Hub Górgona e ministra cursos como *Escrevendo o Trauma*. Também é autora da obra *SIM, PAPAI* e dos livros de poemas *Caminho para o grito* e *Um buraco com meu nome.* / jaridarraes.com / @jaridarraes



CONTO

08

HERANÇA

Marilise Mônaco





O quente escorre pelas minhas coxas até encharcar o algodão das meias com toda a arrogância do inevitável, ignorando meu esforço em travar as pernas. Eu tenho seis anos e estou parada diante do quadro-negro, sentindo a mancha escura desenhar o mapa da minha vergonha no tecido da calça. *Menina porca, eu mandei segurar até acertar a lição.* A classe inteira ri. *Mi-jo-na-mi-jo-na.* Ela se junta ao coro. *Mi-jo-na-mi-jo-na.* Antes de sair pela porta, a professora decreta: *é impossível viver com essa mijona.* O colega da terceira fila, de óculos fundo de garrafa e cabelo dividido ao meio, é o que grita mais alto. Ele é meu marido, ajustando o nó da gravata com o mesmo desprezo com que olha para a poça aos meus pés. *Eu não me sinto mais atraído por você.* Percebo que a poça é de sangue. Não é urina, é menstruação. Sinto alívio, mas me preocupo. Então é por isso que o uniforme está tão apertado. Estou com minha idade de agora, carrego o peso do *megahair* e a dureza das unhas em gel. Cada costura da camiseta se torna uma ameaça. A malha cede, incapaz de conter a expansão dos meus seios, que latejam como se tivessem vida própria. Cubro o peito com as mãos, mas quando o toco, é massinha de modelar. Estico a teta direita até o umbigo e amasso a outra para dentro. *Foi sem querer,* me justifico. Quero voltar ao projeto original, organizar a carne, tirar o que não faz parte de mim. Meus dedos deixam marcas onde tocam, são buracos fundos na massa, igual a *focaccia* que minha vó preparava ou como a superfície de suas coxas infestadas por celulites. *Eu não tenho mais vontade de transar com você,* diz o meu coleguinha/marido e pega na mão da menina sentada na carteira ao lado, uma loirinha-mirradinha bem mais nova que ele. Ela cabe inteira na palma de sua mão; e eu sou uma estrutura que falhou em se conter. Vejo o couro da minha barriga se esticar até o limite da última fibra, tornando-se uma membrana tão fina e vítrea que a luz fria da sala de aula atravessa a pele e ilumina tudo o que deveria ficar em segredo. Não há milagre nenhum, apenas o maquinário exausto de quem foi invadida. Meus órgãos, despejados de seus lugares de origem, se amontoam contra a parede das costelas. Resta ao estômago apenas o vão para destilar o vinagre que corrói minha garganta.



Toda a trama de veias azuis, grossas como encanamento exposto, desvia o tutano para a obra. Ao centro, flutuando no soro que ele filtrou do meu sangue, está o inquilino. Uma massa densa, um nó de carne dura que pulsa com um ritmo alheio, soberano, saciado feito carrapato. A professora agora é minha mãe. Ela se inclina sobre minha barriga, aponta para o naufrágio dos meus rins e anuncia para a classe: *Ela já se estragou por dentro. Vai tirar zero.* Então, ela se volta para mim como quem oferece um veneno, e move os lábios sem som, para ninguém ouvir, *Se você quiser, também pode ir embora.* Eu tenho seis anos e estou vendo de novo minha mãe sair pela porta. Eu tenho seis anos e estou parada diante do quadro-negro, sentindo a mancha escura desenhar o mapa da minha vergonha no tecido da calça. Eu tenho seis anos e choro sozinha, com plateia, porque não aprendi a lição e mamãe não volta. Eu tenho minha idade de agora e estou parada diante do quadro-negro sentindo um novo líquido descer pelas pernas. Não é quente como o xixi, nem vermelho como o sangue. É uma maré vasta, com cheiro de coisa guardada no escuro, que inunda o chão e lambe os sapatos de verniz do meu marido. Ele recua, com nojo da enchente que jorra de dentro de mim. Ninguém ri. É o silêncio respeitoso do fim. O inquilino empurra os ossos da minha bacia, forçando a passagem, rasgando o caminho. Ele não está nascendo, ele me despeja. Ignoro a ruína dos meus restos, meus olhos buscam a porta.



FUGA

Julia Caiuby



Nos estábulos dormiam
cavalos puro-sangue
de longe zuniam
motores famintos

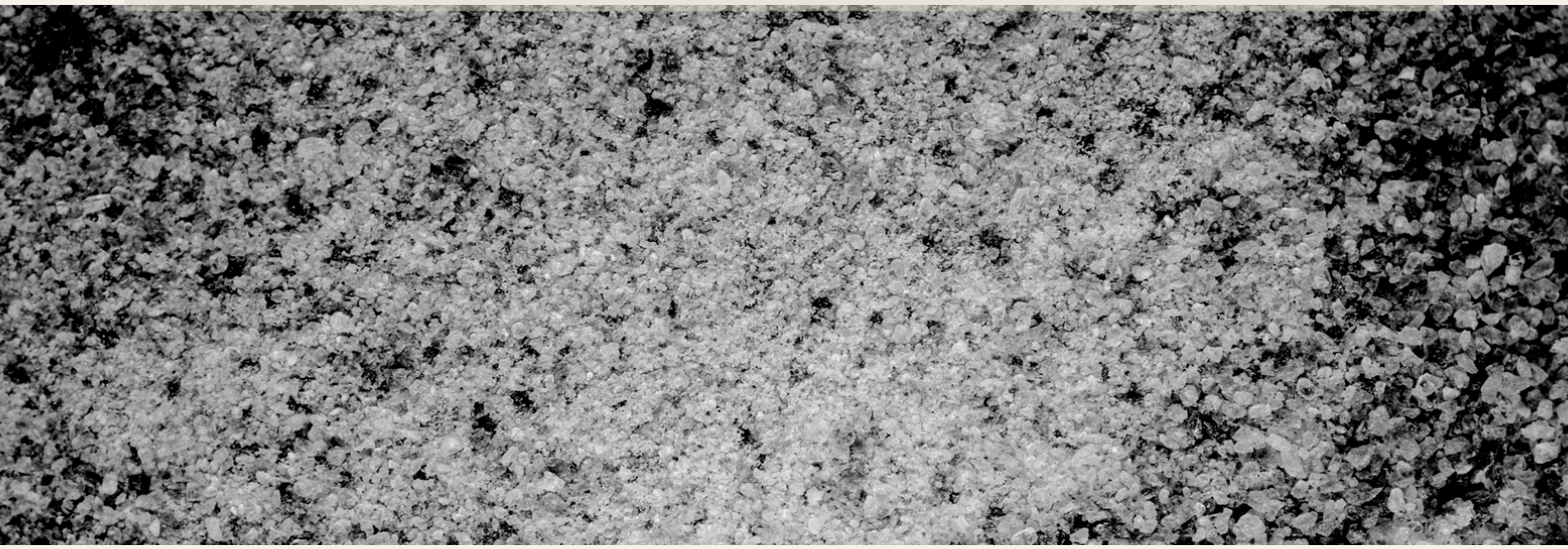
construí
um refúgio
uma cabana de lençóis
dormi abraçada em mim
como quando era criança
e me acossavam o frio
ou os monstros

senti crescer esse vão que corrói
o estômago contorcido
como ao ver um bicho peçonhento
o nariz contraído em um nó
prendia dentro
os dias de solidão

a parede gritava
escorrida em sombra e malva
do amanhecer nascituro
no ritmo fugaz de uma balada
acariciava meu rosto
lambia as feridas do medo

estou só.

king kong em mim



Érika Oliveira

Mãe, depois que você morreu, sonhei quase todas as noites com você. Mas hoje tive um sonho comigo. Quer dizer, era eu no corpo de um grande gorila, um enorme e raivoso king kong se movimentando numa cidade em miniatura. Sei que você riria com deboche e diria que eu não poderia ter me rebaixado mais. O pior de tudo era que no sonho, como Gregor Samsa, eu tinha consciência de que alguma coisa ia mal, olhava meus braços peludos, minhas mãos imensas e sabia que aquilo só podia ser algo vexatório para nós duas. Você pensaria que meu objetivo ali era te humilhar e talvez fosse. Eu havia crescido com você me dizendo:

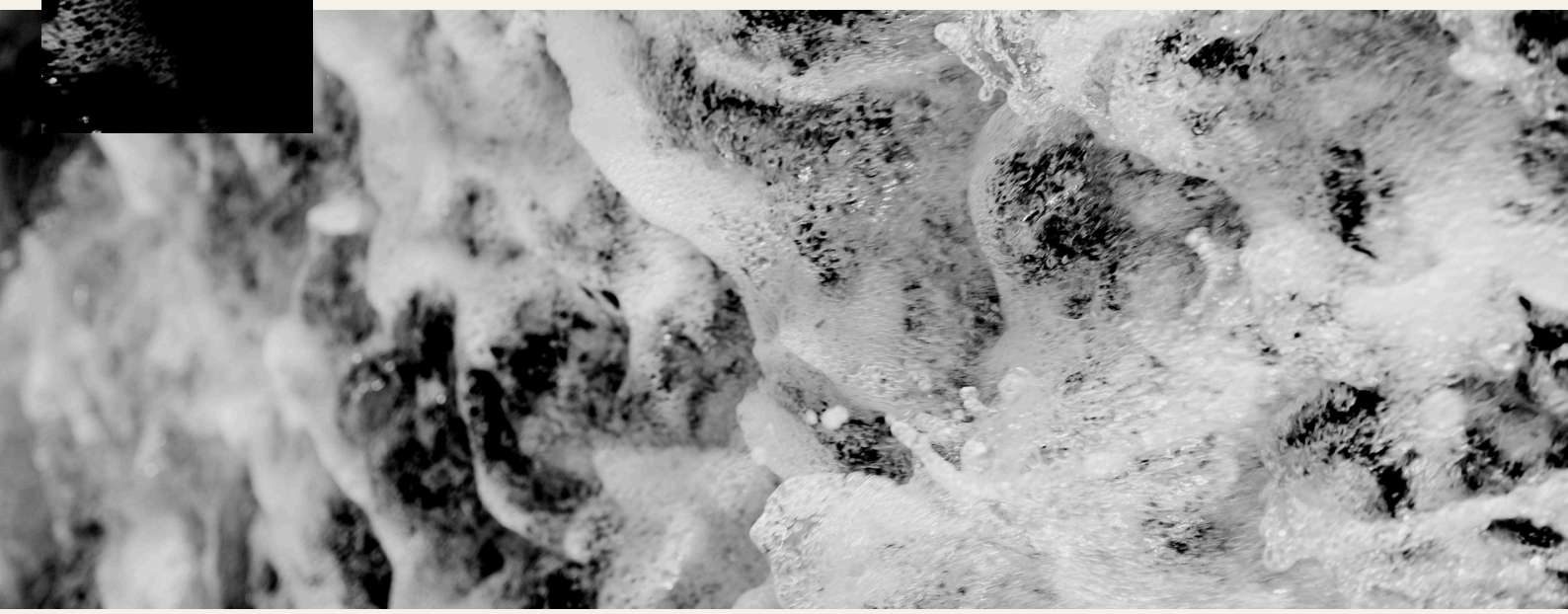
você nasceu tão peluda, parecia um macaco

Mas sonhos são sonhos e neste eu soltava grunhidos enquanto te procurava atrás de um carro, uma árvore. Grunhia como um gorila saído de um filme americano de quinta, ansioso por achar aquela que o pariu até que, subitamente, comecei a bater os punhos fechados no peito como um machinho escroto que não aguenta esperar a vez de falar. Foi com horror que fiz esse gesto e senti que isso me deixava mais fodona, foi bom, mãe.



Como se ainda fosse possível piorar, o grunhido virou uma voz. A voz de um gorila socializado entre humanos, eu era um macaco kafkniano, paciência. Então, um motheeerrrr assustador escapou pela boca dele. Como qualquer ser com um corpo desproporcional e uma existência desvalorizada, fui sentindo uma tristeza imensa enquanto me via no corpo deste animal. A rejeição dele, somada à minha, fez com que o bicho se curvasse, sentasse e chorasse com a grotesca cabeça entre as patas. Chorar até a cara ficar inchada, os minúsculos olhos pretos virarem um rio, chorar como eu mesma nunca chorei. O elemento irracional do animal lhe permitia este choro sem filtro. Chorava como uma criança, como a criança que fui e não chorou, soluçávamos. A criatura — que agora tinha uma pequena plateia ao seu redor, observando horrorizada — vertia um mar de água salgada pelos olhinhos que molhavam seu focinho, o peito.

O travesseiro estava molhado quando abri meus olhos, o gosto do sal marejava o tecido, um pequeno barco deslizava pelas minhas pálpebras. Sonhei que era um macaco, desses que se parecem com um bebê recém nascido, que se parecem comigo. Sinto que chorávamos porque nada me livraria daquela infância difícil, nada me pouparia dos vazios desenhados pela mãe, esses vazios que fui, pouco a pouco, cobrindo com palavras.



em tenra idade meninas engolem caninanas

Ellen Kravasaras





sibilante a língua
escapa
por vãos de ossaturas aureolares

na floresta, tenta encontrar deus
pai perdido
das palavras

rastejante a língua
besunta nossas mãos
prepara-as para benção

apenas condenando
concede o perdão

a língua serpentinosa
excomungada da imanência
sangra pelas presas

então aflige-se no ócio do corpo
dentro das costelas
inescapáveis
de uma mulher



Leviatã

Fabiano Oliveira

Lígia gosta de ir ao mercado e de experimentos sobre a mesa
um suco de laranja se bronzeia o abacaxi cortado derrete
seu açúcar ruma ao álcool a berinjela
já chega prenhe de vida por dentro da sacola
alho cebola cheiro verde temperam o ar

Lígia deixa a natureza correr ao alcance da vista
se acostumou com o excesso de patas pela casa no início
vinham só aqueles que tinham o motor da fome pela constância
também os curiosos passaram a se amontoar numa figura amorfa
formigas loucas
moscas domésticas e das frutas
bichos da farinha
baratas francesinhas e americanas
se desmontando quando saciados

Lígia percebe que a cada volta do mercado aquilo
toma uma forma reconhecível pensa
ter visto braços e pernas nascerem de um tronco
largo sustentando uma pequena cabeça os alimentos
trucidados por toda a superfície do corpo

Lígia acha graça da invenção um iceberg de orgulho despontando
o desenho no livro do pai ganha vida na tarde seguinte
aquilo fica sobre duas pernas cria boca tenta falar
cospe tenébrios

Lígia emudece não hesita em purificar o ambiente
jogar uma garrafa de álcool e um fósforo aceso
a casa ilumina o início da noite
sem saber se Frankenstein é o médico ou o monstro.



O BICO

Bruna de Lara

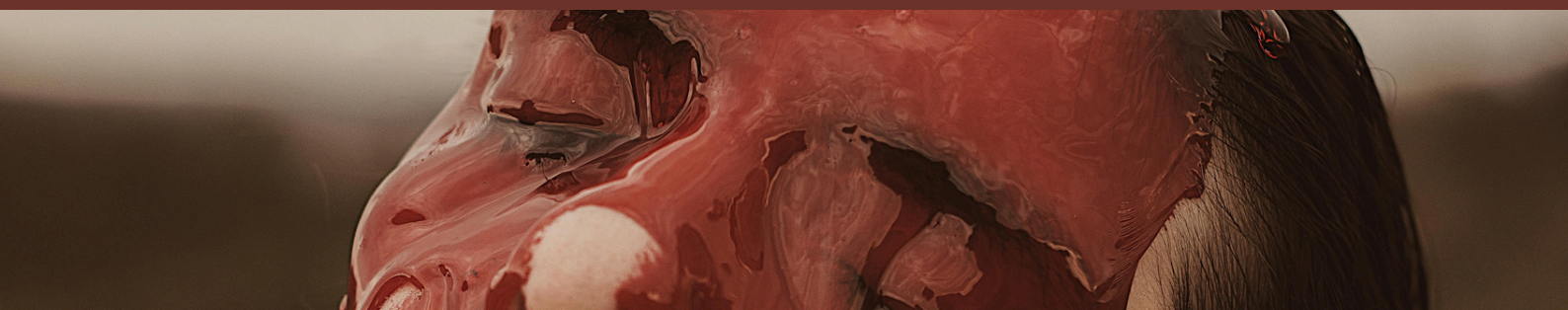


A língua corpulenta de meu pai arrasta a comida de um lado a outro da boca, a cova esgarçada para que minha fome não perca de vista o arroz já pastoso antes de descer-lhe a garganta. Distancio o olhar, eu toda doída de um dia e meio de prato limpo, e a mesa grita o som do punho que a agride, mão pesada que exige o retorno de minhas atenções aos dentes sujos de feijão.

Acompanho o lento triturar do bife até que os lábios se fartam, a batata quase intocada quando ordenam que os restos sejam jogados fora. Raspo a louça com a faca serrilhada, e ela arranha meu interior torturado. Volto à cadeira pesando as consequências de resgatar as sobras mais tarde, atenta para não me rasgarem os olhos de arame farpado de meu pai. Peço permissão para me recolher, e ele nega.

— Isso é para você não dizer por aí que eu nunca te dou nada — anuncia, o bolso da camisa parindo um corvo adormecido que ele põe sobre meu prato.

Encaro o bicho inerte até sair da garganta-sirene do outro lado da mesa a autorização para devorá-lo. Quero degustar o pássaro, sentir o salivar das bochechas ao penetrar seu peito, quebrar seus ossos, mas o engulo todo de uma vez. As penas negras ameaçam sufocar-me, e reprimo a tosse instintiva, não desperdiçarei sequer uma pluma. Agradeço ao terminar e, com um aceno desdenhoso da cabeça, meu pai indica que vá para o quarto e de lá não saia. A casa é dele, não minha.







Cruzo o espelho e me surpreendo, trinta e seis anos e ainda me cabe o vestidinho rosa, os sapatinhos que piscam não me apertam os pés. Os ursos de pelúcia me recebem com alegria, a amoeba pede para deslizar entre meus dedos. A única que não me busca é a boneca, ela que vê além dos trajes infantis e enxerga os anos que acumulo no corpo mirrado, tantos desde que a abandonei. Não insisto, sou também filha de mãe fugida. Sei que, para meu crime, não há perdão.

Rumino a última frase que ouvi antes de minha mãe esfumar-se. “Você pode até ir, mas a garota fica”, meu pai certo de que meus braços rechonchudos seriam suficientes para segurar sua esposa, aquela mulher que não se deixaria prender a seu carrasco nem pelas mais apertadas das algemas.

Afasto a lembrança e a boneca, e deito em meio àqueles que ainda me querem. Entre os lençóis, encontro o diário de folhas desgastadas, as páginas cheias de minha letra de aluna caprichosa. *Esquecer o casaco na escola: uma refeição a menos. Acordar atrasada: duas. Brincar com meninos: quatro. Olhar papai nos olhos: seis. Contar a alguém: ?*

Estremeço, e o corvo desperta, ave que bica, bica, bica meu estômago até eu me curvar de dor; belisca os arredores para saciar sua fome, despedaça minhas entranhas para escapar de sua prisão de carne. De cada furo chove ácido, e eu retenho o grito *(três refeições),* sem saber qual das transgressões motivou o castigo.

Fui eu quem comi o pássaro, mas é ele quem me digere e exige tomar o controle. Abro o zíper que encontro no topo da cabeça e me desfaço do exoesqueleto de mamífero antes que a agonia me aniquile, pele, cabelos e tripas caindo sobre o piso como um macacão.

Sou agora Estela-corvo e voo até o sujeito que cochila no sofá. Cutuco seu rosto e, assim que acorda, as pálpebras ainda pesadas, arranco seus olhos em duas bicadas. O crânio esburacado berra, e eu sugo com gosto o espaguete dos nervos ópticos. Os glóbulos gelatinosos rolam apavorados por minhas tubulações de pássaro, e entoo um canto:

— Isso é para você ver minha barriga cheia do vazio que provocou.

As mãos cegas caçam meu corpo, mas não o encontram, eu que desafio a gravidade e esvoaço até o pé do ouvido direito para completar meu cântico.

— Já não sou sua filha, me despi de ti. E isso é para você não dizer por aí que um dia carreguei seus genes de homem miserável.

Em um movimento rápido, extirpo sua língua e, enfim satisfeita, bato minhas asas decoradas com seu sangue.







O SONHO

Marcelle Louback

Foi em 1982. Sonhei que me afogava. O mar bravo me alcançava os pés, as coxas, o peito, e eu não resistia. No início, duvidei. Era impossível, impossível. Mas eu tentei avisar, ao longo dos anos. Tentei tanto, tanto. *Eu vou me afogar.* Ninguém acreditou. Caçoavam do sonho. *É tão distante, é impossível.* E então, ano após ano, o cheiro salgado, de um verde-ardósia barrento, foi se aproximando, mais e mais. Eu sentia minhas juntas se enfraquecendo a cada verão, o vento por entre as casuarinas me penetrando os ossos. E comecei a sentir frio, muito frio. Era uma friagem úmida que me subia pelas pernas, se infiltrando nos joelhos. Eu sonhei com peixes, pregos e garrafas. Eu não entendia. Um dia, a água me alcançou os pés. *Eu vou me afogar.* Mas eu tentei resistir. Tentei tanto, tanto. E, numa manhã de 2024, o cheiro verde-ardósia barrento me acordou. Forte, sufocante, como de mil peixes. Eu sonhava com o vento nas casuarinas. Mas, de repente, mil peixes me cercaram. Foi de uma vez. *Eu vou me afogar.* Eu me tornei um amontoado de peixes, pregos e garrafas. Mas ainda me lembro de tudo. Dos carteados aos domingos. Dos pezinhos das crianças, cheios de areia. Do pão com presunto dos fins de tarde. O bidê do quarto dos pais está cheio de estrelas-do-mar. Eu acho poético, confesso. Entre meus vergalhões enferrujados tem uma escova vermelha, ainda com alguns fios de cabelo. Eu sonho com pássaros e com o vento nas casuarinas. Eu me lembro de tudo. Eu me lembro de todos.

.....Eu tentei avisar, ao longo dos anos. *Eu vou me afogar.* Ninguém acreditou, ninguém.

infértil desejo

Juliana Judice

infértil desejo que confiou seu instinto no
mistério feminino da vida
e acabou sendo engolido
pelo buraco fértil
do não-ser.
Infértil sentir
esse
que sonhou madrugadas intensas
cumplice do próprio sofrimento
—quase sem se abalar
desejo que não gesta
que aborta
mês
após mês
um embrião da minha
alma
cada gozo um corte
pele aberta
buraco fértil
de morte
infértil desejo que se alimentou pelo coração,
não há
nascimento sem
permissão
extraiu vida do que é infértil — desejo
como quem extrai mel de uma colmeia – nu
sempre à deriva
do morrer.



Mais uma noite sem sol

Nuno Gonçalves Pereira



A poesia é a estrada mais curta entre nós e as divindades.
Havia sangue demais debaixo do tapete da sala.
Meus ossos entoavam velhas melodias sobre seres que explodiam nos céus &
crianças sonhando em sótãos.
A poesia é a estrada mais curta entre nós e as divindades.
Os traumas são demasiado oceânicos para a miopia dos psicólogos.
Havia rios de sangue correndo debaixo do tapete.
A carta do tarot – o eremita – me olhando assustada desde os lençóis.
Um urso andino sussurrando os mais recônditos segredos familiares.
Enquanto um espírito obsessor me sopra que São Paulo é uma cidade intragável e
terrivelmente provinciana.
Enquanto devoro a inverossímil sopa de cordeiro patagônico servida na casa de
meus avós com olhos de escravos boiando entre estrelas agônicas &
esperanças mortas.
A segunda carta do tarot se insinuando entre os lençóis – o enforcado.
Havia muito sangue debaixo do tapete da sala.
A poesia é a estrada mais veloz para além da órbita do astigmatismo.
Todo trauma é um raio insubmisso que conserva a voz da tempestade.



uma CASA

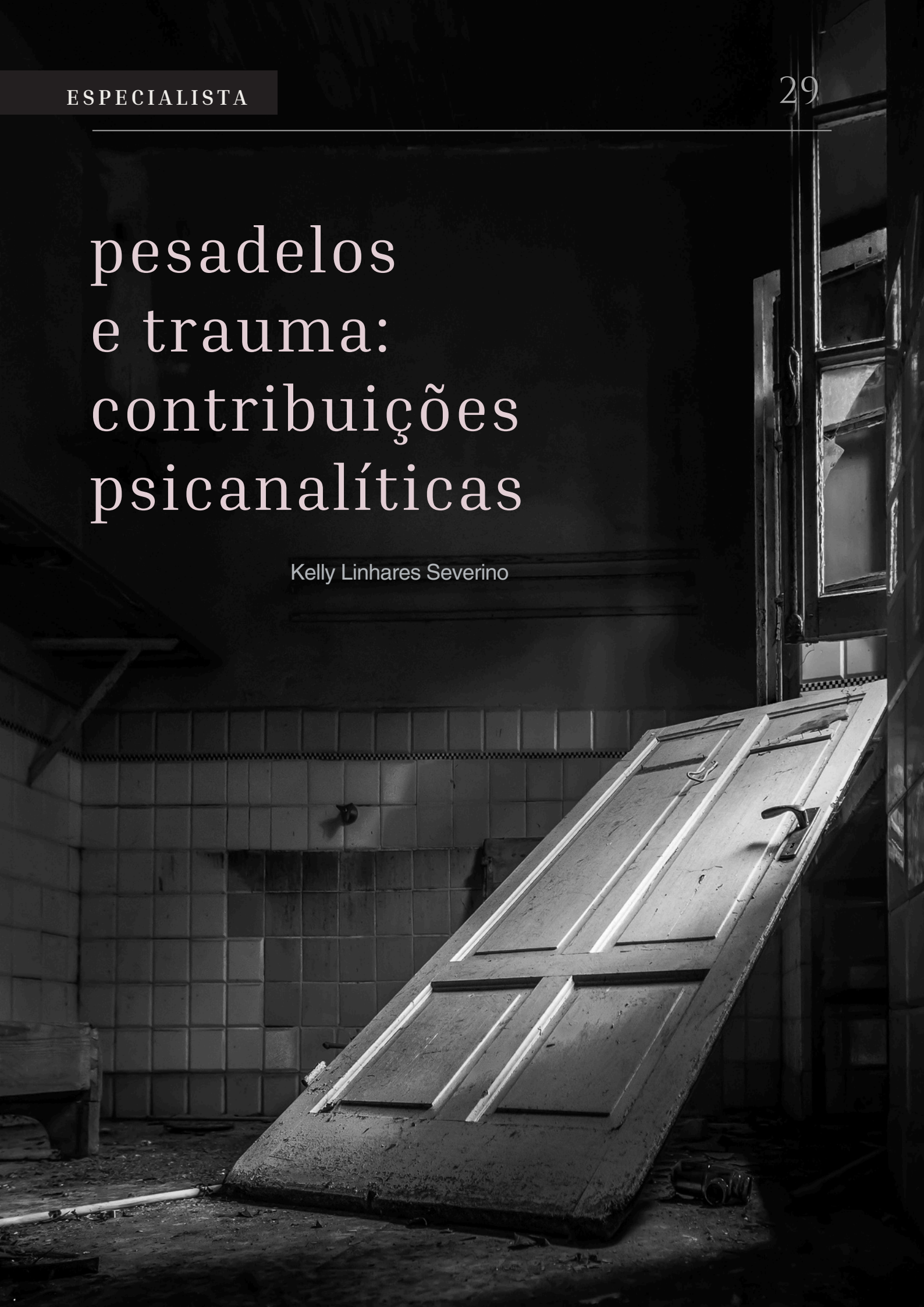
Iariny Carvalho



A pedra mostra um caminho
O que tem lá?
A gente nunca soube.
Quem botou essa seta sobre a pedra da ponte?
Sempre esteve aí. Deve ter nascido com o mundo, com o correr violento da água.
A água chora à noite. Você também escuta?
Ri. Boca e olhos de réptil.
Não tem resposta.
Por que dormes aqui fora sob as árvores?
Evito a casa. Ela me olha por dentro.
Onde dói tanto.
Por dentro, a casa tem olhos de bicho com fome.
Garras, cornos, presas, ferrões.
Por todos os cantos, os espelhos cobertos,
As portas sem chaves,
Os lençóis brancos com nódoas.
São manchas de terra e de tempo, dizem as mulheres e os homens.
Não - eu penso - são manchas de sangue,
O mesmo que sai pelo meio das pernas da gente à noite,
Quando as paredes da casa se apertam,
O ar preso no peito, feito balão,
As feras sobre a presa abatida,
A água chorando lá fora.
A seta, para onde ela aponta?
Para um lugar onde as pessoas vão e não voltam.
As cigarras cantam triste. Vão morrer logo.
E eu também. A casa vai terminar de me comer viva.
Não vai.
O quarto que foi meu, espia debaixo da cama.
Tua salvação. Afia-a na pedra da ponte.
Terás teu caminho seguro.
As noites frias colapsam, uma após a outra,
O vento ruge
As bestas da selva,
Ou as que vivem dentro das paredes.

pesadelos e trauma: contribuições psicanalíticas

Kelly Linhares Severino



Na clínica, especialmente em casos de trauma e Transtorno de Estresse Pós-Traumático Complexo, é recorrente observar:

Repetição direta ou disfarçada da cena traumática; sensação de continuidade entre sonho e vigília (o afeto não “acorda” junto com o corpo); Forte ativação corporal (taquicardia, sudorese, sensação de ameaça iminente, paralisia); Fragmentação narrativa (o sonho aparece em flashes, não como história organizada); Sensação persistente de invasão, perseguição ou aprisionamento; Desamparo intenso que permanece após o despertar.

Sigmund Freud

Em *A Interpretação dos Sonhos*, o sonho é apresentado como formação do inconsciente e realização de desejo.

Após a Primeira Guerra Mundial, em *Além do Princípio do Prazer*, Freud reconhece a compulsão à repetição nos sonhos traumáticos.

O pesadelo representa tentativa do aparelho psíquico de ligar (elaborar) um excesso que não pôde ser simbolizado no momento do trauma.

Destaca também os “restos diurnos” como possíveis gatilhos do conteúdo onírico.



Sándor Ferenczi

O trauma se agrava quando há desmentido da experiência.

A ausência de testemunho empático pode gerar clivagem psíquica.

Nesses casos, o sonho não simboliza: revive.

A “confusão de línguas” expressa a mistura entre cuidado e invasão, amor e medo.

Paul-Claude Racamier

Há traumas que envolvem ataque à realidade psíquica do sujeito.

Em vínculos marcados por perversão narcísica ou “incesto psíquico”, ocorre invasão dos limites mentais.

Pesadelos podem trazer imagens de invasão, perseguição ou aprisionamento como expressão dessa violação.

Psicanálise Vincular (Berenstein, Puget, Kaës)

O sujeito é constituído no campo do vínculo.

O sonho pode carregar traumas do laço familiar, do casal ou do grupo.

Existem formações psíquicas compartilhadas e transmissões intergeracionais que podem aparecer no material onírico.

Estratégias defensivas frequentes:

Evitar dormir ou postergar o sono; utilizar distrações intensas antes de deitar; evitar falar sobre o conteúdo; racionalizar o sonho para reduzir o impacto afetivo.



Origem do sonho

Freud: a origem não está no enredo manifesto, mas nas cadeias associativas inconscientes.
Ferenczi: em traumas graves pode haver clivagem que impede a associação; o paciente revive em vez de narrar.
Racamier: quando houve ataque ao pensamento (manipulação, violência psicológica), pode haver perda de confiança na própria percepção, dificultando a elaboração.

O trabalho clínico precisa restaurar um espaço seguro de pensamento antes da interpretação.



Experiências traumáticas e pesadelos

Freud: expressão da compulsão à repetição; tentativa de dominar retroativamente o excesso pulsional.
Ferenczi: o trauma é também relacional; o silenciamento da experiência agrava o sofrimento.
Racamier: o vínculo pode invadir e desorganizar; o pesadelo expressa violação de limites psíquicos.
Psicanálise Vincular: o sofrimento pode estar inscrito no campo relacional e intergeracional.



Freud: o sonho é formação do inconsciente. Nos traumas, expressa compulsão à repetição e tentativa de ligação psíquica.

Ferenczi: o trauma se agrava pelo desmentido e pode gerar clivagem e repetição vívida.

Racamier: há traumas que atacam o pensamento e os limites psíquicos.

Berenstein: o sujeito é constituído no vínculo.

Puget: a alteridade estrutura o psiquismo.

Kaës: existem formações psíquicas compartilhadas e transmissões intergeracionais.

Do ponto de vista psicanalítico, o pesadelo não é apenas sintoma.
É tentativa de simbolizar o indizível.
Tentativa de ligar o excesso.
Tentativa de transformar repetição em narrativa.



Kelly Linhares Severino é psicóloga clínica e jurídica, com especialização em infância, adolescência, vínculos (casal, família e grupos) e psicopatologia. Atua no cuidado de pessoas atravessadas por experiências de trauma, especialmente situações de abuso sexual e incesto. Quando há denúncias de abuso ou violência, seu trabalho se faz também em enlace com o Judiciário, mantendo o foco em um cuidado ético, reparador e sensível à singularidade de cada sujeito e de seus vínculos.

(48) 984179924 / site / @psicologa.kellylinhares



ORGASMO SUBLIMINAR

Marcelo Moreira

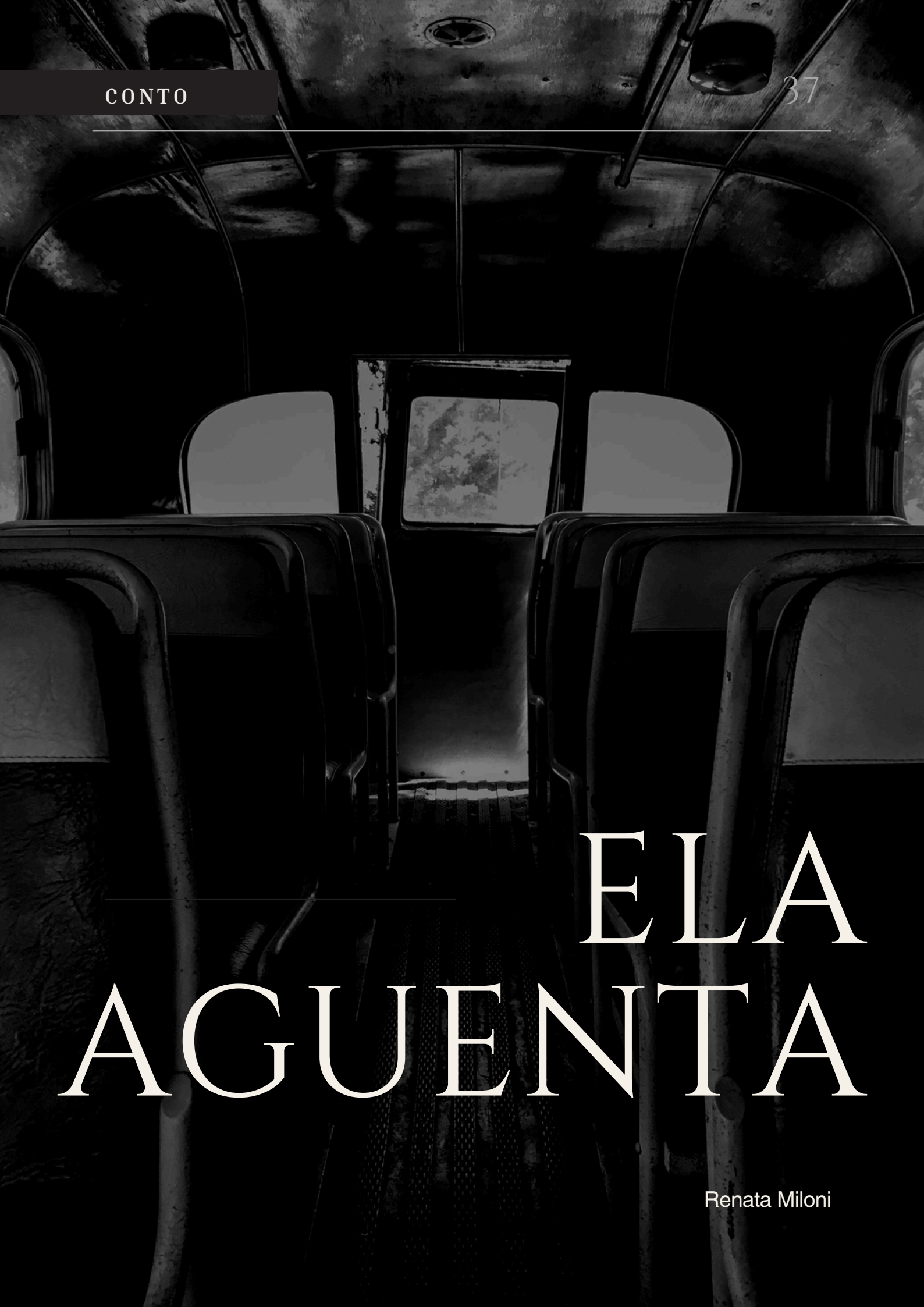


Larvas e vermes conduzem a dança
Largados e*m* cena de ruas estreitas
Evocam dos céus prazeres banidos
O culto aos vícios dos m*a*chos e fêmeas
Num quarto escuro, romances profundos
O lado selva*g*em dos bichos e bestas
Orgias e caos aos olhos intrusos
Frequências mundan*a*s, fregueses espreitam

Os filhos de Baco
Penetram no*s* becos do palco do engano
Transgridem esquinas do corpo astral
Energia dual, t*e*atro profano
Luxúria real, suicidas mentais

Nos campos etéreos, reflexo*s* quânticos
Ritos eróticos são termodinâmicos
Os ogros psíquico*s* dos orbes dantescos
Os sonhos impuros de dor e desejo
Buracos im*u*ndos da “glória” humana
Paixões pervertidas, amores doentes
Dos atos nocivos, *a*bismos do Tantra
Força vita*l*, ações deprimentes
Laços da mente, cegueira insana
Canais negativos, r*e*ações decadentes
Dos fluidos do Inferno à loucura romana.





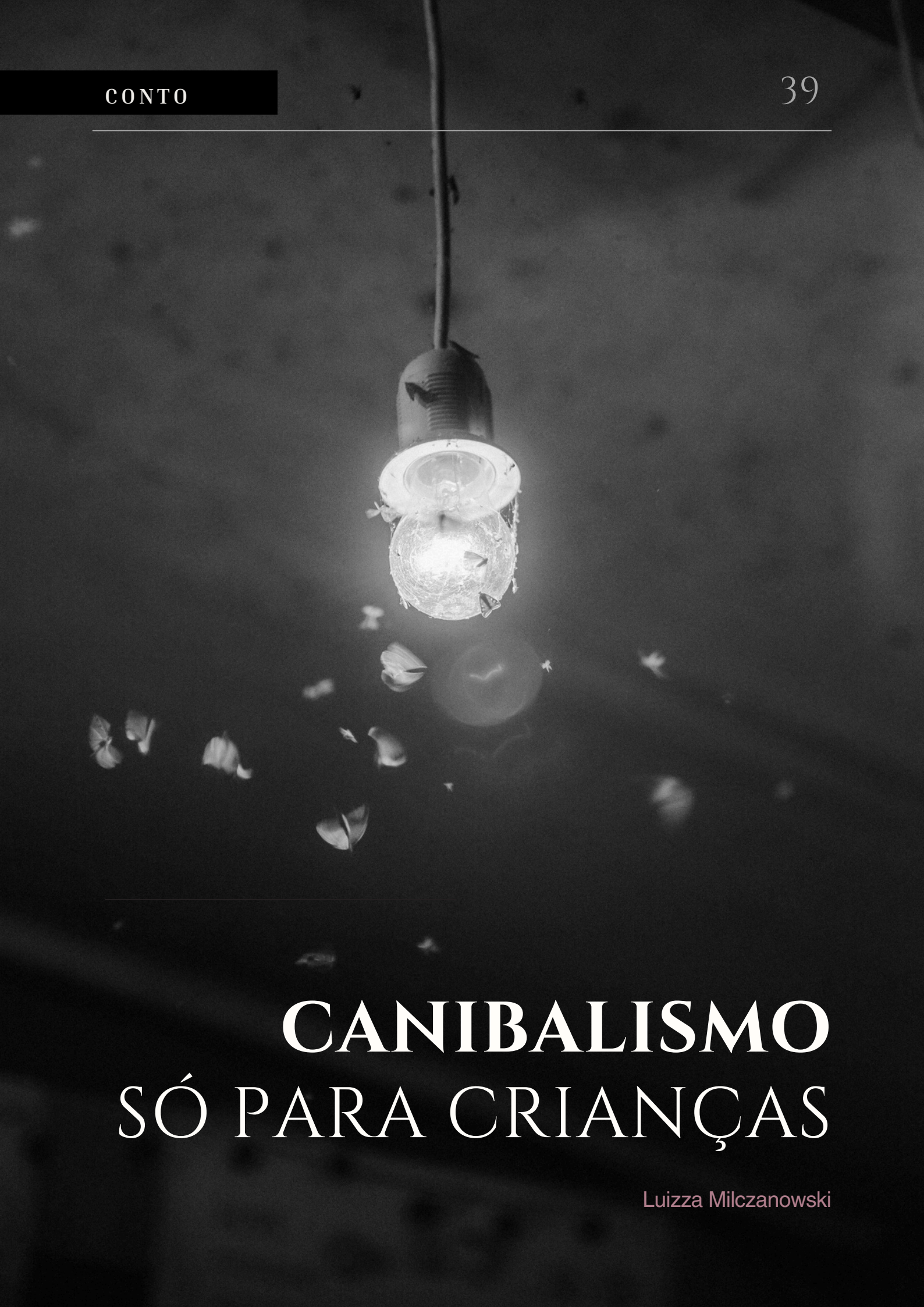
ELA AGUENTA

Renata Miloni



O agudo no freio do carro não se cravou em Aurélia como a imagem descomunal que se formou no céu com aquele médico pedindo ao colega: “Pega leve na anestesia que essa cavalona aqui aguenta, tá”. Ela esfregou as mãos no rosto até os ecos se dissiparem e o médico sumir. Apertou os passos do seu jeito para aguardar o ônibus no ponto. Agarrou sua bengala na barra de ferro da porta que se abriu. Subiu no impulso que as dores permitiram. Antes de as próximas duas pessoas passarem para o outro lado do veículo, a catraca, por asco de receber tantos olhares enfurecidos, triplicou de tamanho e se transformou numa imensa maca. Atirou-se em cima das pessoas horrorizadas com aquelas que tentaram chutar a bengala de Aurélia e a xingaram ao passar, quem só é punido quando seu alvo não extrapola em espessura. Ela aguenta, tá. Acometida pela sequência aberrante, Aurélia saiu ilesa. O resto, inerte. “Bom dia, flor do dia”, o cobrador a trouxe de volta aos formatos originais de objetos e humanos.

Mais adiante, desceu trêmula do veículo e se espantou com o fogo que escapava por quase todas as janelas. Quando o ônibus passou em chamas por ela, Aurélia reparou nas pessoas sentadas, ainda imóveis. Na ardência do abandono em Dona Dalva, na exaustão de Regiane com o filho doente, na apreensão de Angelina fingindo que seu corpo não era escrutinado, no olhar pervertido do Seu Simas que todas queriam ver queimar pendurado numa janela semiaberta. Seguiu, desnorteada, na rua onde parou para apreciar a pequena casa, recém reformada, com azulejos azuis e brancos à mostra. Desejou ter onde descarregar seu cansaço e mal-estar, que somente ela tivesse o poder de decidir quando sairia de tal estado. Aguenta, sim. Seu último pensamento antes de seu corpo desfalecer em frente àquele portão foi das ruas, casas, azulejos, catracas e ônibus que ficaram para trás em lentas labaredas que logo lhe alcançariam. Acordou com muito calor e sentiu um agudo cravado, mas o céu estava limpo.



CANIBALISMO SÓ PARA CRIANÇAS

Luizza Milczanowski

L. despeja memórias nos bolsos do macacão. Achou que as memórias seriam mais pesadas. Ela não sabe que seus bolsos têm furos profundos. Caminhando, L. gosta de observar as formigas na grama, de encurvar o corpo para olhá-las de perto.

Certo dia uma aranha diz a L. que há vãos que ela não desconfia. L. não sabe o que são vãos. A aranha traz para L. um dicionário. Vão. Espaço vazio; vácuo. Espaço aberto para entrada de ar e luz. Sertão alto, descampado. Ilusório, fútil, tolo.

L. só entende a linguagem dos animais pequeninos e das plantas, fungos e cogumelos. L. passa a ler o dicionário que a aranha lhe trouxe. Junta palavras divertidas para criar poeminhas sonoros e livres de sentido. L. não entende a necessidade do sentido. A aranha diz para L. que o ser humano inventou o sentido para viver em comunidade. A cultura é uma rede de significados. Nada precisa ser do jeito que é. Então por que é? A aranha não sabe responder.

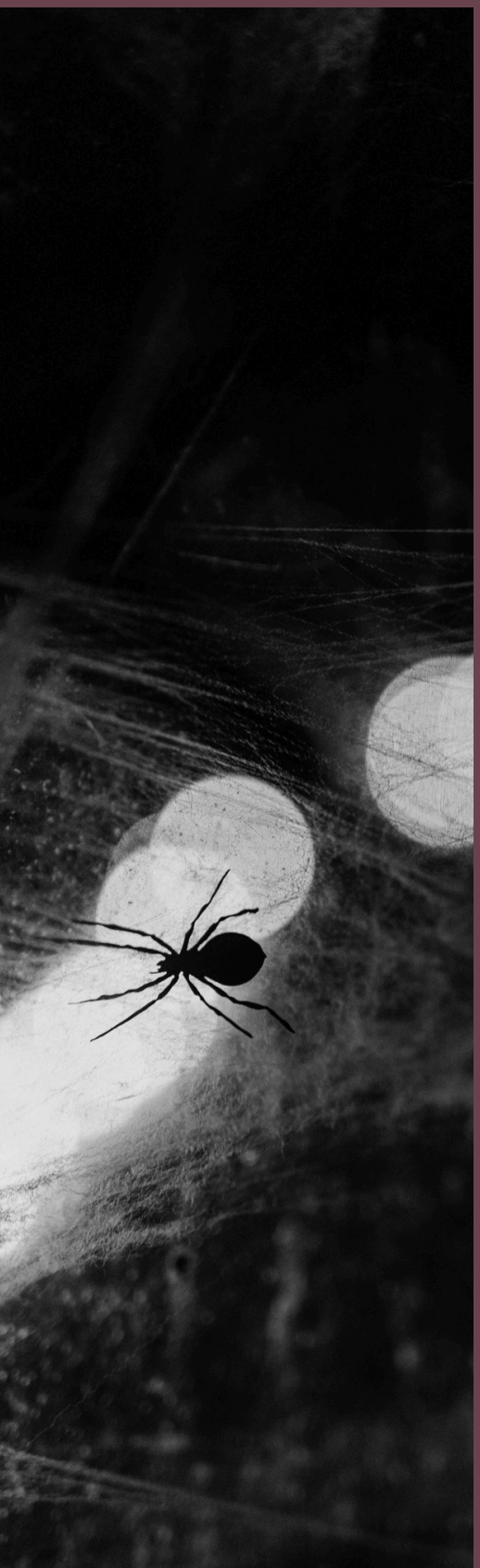
L. não gosta do sentido ou da cultura. Quer viver num mundo inventado, mas de outra maneira. Um mundo outro, que faça mais sentido para ela. O mundo é uma bolota estranha e ela ali está sem ter pedido e sem ter sido ouvida sobre todas aquelas regras. L. observa a teia que a aranha ia tecendo.





Já para a borboleta, viver é efêmero, uma busca frenética por sabe-se lá. Há muitas cores e viver pode ser então as cores. A mariposa, por outro lado, é mais pensativa. Ela diz para L. que a vida como lagarta havia se liquefeito e refeito – que ela não guarda memórias, mas apenas traumas. O trauma é um medo que existe no corpo, mas não na consciência. Para a mariposa, viver não tem nenhum sentido. Ela busca a luz, mas não se alimenta, e esqueceu o sabor das folhas de quando era lagarta. L. então coloca as mãos nos bolsos e, passando os dois dedos pelos buracos, nota que perdeu suas memórias. Ela também não se lembra de mais nada.

Eu também perdi minhas memórias. Mas com certeza você guarda os traumas, assegura a mariposa. L. pergunta se a mariposa e a borboleta não são iguais. Não, somos muitas e todas diferentes. A borboleta deste tipo vive muito pouco, a vida não chega a se perceber. Apenas passa. Os seres que não se questionam são os mais felizes. L. diz que seus bolsos não guardam mais nada, que havia sobrado somente o vazio.



L. busca no dicionário o trauma, mas nada assegura onde ele possa estar. O dicionário é uma busca sem fim em que um verbete leva a outro verbete e assim por diante. Ela mostra para a mariposa o dicionário. A mariposa sussurra que há uma racionalidade na aranha que é inútil, que L. não deve prestar atenção. Todo o mundo é o seu mundo. Não se preocupe com o dicionário, invente o mundo. Mas L. está com os pés mais e mais presos no mundo, ainda que quisessem o tempo todo jogá-la para fora.

Sim, mais tarde diz a aranha, não planejaram bem este mundo para caber em você. A aranha e a mariposa não gostam muito uma da outra. Há muita selvageria também nos pequenos seres.

L. pergunta à aranha se é verdade que aranhas comem borboletas. A aranha responde que come muitas coisas. L. descobre que há peixes que comem peixes e gente que come gente. L. não é capaz de perceber que a aranha já teceu teias que encobrem toda a casa. Um dia a mariposa vai embora sem dizer adeus. A aranha fala para ela não se importar, que não é possível confiar em lepidópteros, diurnos ou noturnos, e que todos são, de um jeito ou de outro, os mesmos, avoados e dispersos. L. chora sem saber por que foi abandonada pela mariposa.

A aranha vai se tornando cada vez mais gorda, e suas teias cada vez mais profundas. Não há mais mariposas, borboletas, moscas ou mosquitos. L. pede que a aranha costure seus bolsos, mas o vazio preenche tudo.

L. não sabe mais acordar.





PROVOCAR O CORPO DO LEITOR

Bruna de Lara
sobre escrita, horror
corporal e social e seu
próximo romance.

Bruna de Lara



o horror como exercício de liberdade

As experiências mais intensas que já vivi por meio da arte – seja na literatura, na música ou no cinema – vieram de obras cujo impacto eu senti no meu corpo, muitas vezes na forma de um mal-estar intenso. A sensação é ruim, às vezes terrível, mas só uma produção artística poderosa é capaz de afetar o público de forma tão violenta e concreta.

Eu queria ser capaz de provocar o corpo do leitor com a minha escrita, e o horror é uma ferramenta excelente para isso. Ele é um dos chamados "gêneros do corpo", termo cunhado pela professora Carol Clover no âmbito do cinema para se referir aos gêneros que privilegiam as reações sensoriais e sentimentais causadas no espectador.

O aumento das narrativas que usam o horror para contar histórias de mulheres e suas vivências faz todo sentido quando pensamos que o corpo feminino está no centro das violências que sofremos, sejam elas físicas, psíquicas ou simbólicas. É aí que o horror corporal se mistura ao horror social de forma profundamente comovente, como nas histórias das argentinas Mariana Enriquez e Agustina Bazterrica, ou das equatorianas Mónica Ojeda e Maria Fernanda Ampuero.

Eu queria escrever para além dos limites do realismo como exercício de liberdade, pelo prazer de criar, mas também pelo entendimento crescente de que o realismo enquanto linguagem não dá conta da realidade. Cada vez mais, as obras com que me identifico são as que recorrem à extrapolação do real em algum nível. A comunhão sensorial entre personagem e leitor se dá de forma muito mais imediata e poderosa quando se recorre ao absurdo, ao horrível, ao insólito.

À exceção da Mónica, eu não estava familiarizada com as autoras do horror latino-americano contemporâneo quando comecei a escrever meu novo original. O que eu sabia desde o início era que o corpo e a corporalidade estariam no centro desse terceiro romance.

É no corpo que a protagonista, Rosário, vivencia a ambiguidade que move a narrativa. O livro retrata uma gravidez, ao mesmo tempo desejada e desprezada, e existem poucas experiências tão corporais quanto o avançar de uma gestação. Esse corpo precisava se fazer ouvir.

Como a Mónica era minha referência, parte do meu processo foi reler seu romance *Mandíbula* e sublinhar todas as vezes que ela mencionava uma parte do corpo, para entender como ela o evocava. Comecei a ler outras autoras do gênero — como as que mencionei – e a prestar muita atenção à minha própria corporalidade. O que eu sentia no corpo quando uma emoção específica me tomava? Onde eu sentia? Quais as sensações que acompanhavam a dor ou o prazer? Que imagens essas sensações me suscitavam?

ouvir o corpo



A ideia veio de uma situação particular. Eu tenho transtorno bipolar e, para engravidar com segurança, é preciso que a gestação seja muito bem planejada em conjunto com minha psiquiatra e minha ginecologista. Uma gravidez não planejada, para mim, significaria interromper o uso de medicações essenciais, o que me poria em risco — o transtorno bipolar é a doença mais associada a suicídios.

Com frequência, eu imaginava a tortura que seria engravidar sem querer e não ter a possibilidade de interromper a gestação, já que as ameaças à saúde mental não são consideradas um risco à vida da mulher, um dos três casos em que o aborto legal pode ser realizado. Pensava muito na tortura de sentir seu corpo mudando contra sua vontade, sabendo que isso ameaça sua vida.

afetar os leitores de forma violenta e concreta

Mesmo assim, houve uma ocasião em que pensei estar grávida e, ao comprovar que não estava, me surpreendi com minha reação. Fiquei decepcionada. Percebi que, por mais irracional que fosse meu desejo, eu teria ficado muito feliz de me descobrir grávida naquele momento, independentemente dos problemas que isso viesse a causar.

Dessa ambiguidade nasceu a ideia do livro: uma mulher vinda de uma família em que todas morrem ao parir mas que, ao se saber grávida, inusitadamente se dá conta de que quer ser mãe. Um desejo impossível que é constantemente solapado pela realidade, tornando a gestação tortuosa, embora por vezes o desejo se sobreponha à lógica.

O original em que trabalhei na mentoria com a escritora Jarid Arraes foi o tempo todo guiado por imagens. Houve o trabalho de planejamento prévio, essa estruturação da narrativa para que eu soubesse para onde estava caminhando e quais as emoções que queria evidenciar. Mas eu só conseguia transformar isso em literatura quando sabia as principais imagens que queria evocar, aquelas em torno das quais cada capítulo giraria.

As imagens me vêm com mais facilidade quando não estou escrevendo.



Deitar e olhar para o nada, entrar em um estado de sonolência, me ajudava muito a pensar sem muita pressão no que eu queria transmitir, nas sensações corporais da protagonista. Eu trabalhei as palavras para que elas servissem às imagens e, se eu não sentia o prazer de criar ou ficava travada, entendia que a imagem estava errada.



Há coisas que surgem na hora de escrever, claro. A comicidade é algo que não planejo. Ela me vem na hora, e então eu avalio se mantê-la faz sentido para aquele ponto da história, se interfere na tensão, se é um alívio bem-vindo. Algumas imagens também surgem assim, mas a maioria precisa de tempo para se formar. Tempo longe da tela do computador.

Pensar de forma imagética foi meu maior ganho com esse livro. E, para transmitir exatamente a imagem que se forma em minha cabeça, eu preciso garimpar cada palavra para que ela desenhe por mim, e esse desenho seja capaz de despertar sensorialmente o leitor.

É um trabalho minucioso que envolve o uso de muitas ferramentas de consulta. Quando sento para escrever, abro uma aba com o dicionário de sinônimos, outra com um dicionário de português, com um tradutor do inglês para o português, do espanhol para o português, uma lista de verbos dicendi, a busca do Vocabulário da Academia Brasileira de Letras e, às vezes, uma lista com os nomes dos sons que os animais fazem.

Tudo isso, para que eu consiga chegar às palavras que desenhem as imagens. Preciso sentir o que cada palavra me provoca para que eu a escolha ou a descarte. Fui muito intencional com cada palavra do original e eliminei excessos ao máximo. Queria que sobrasse apenas o que era essencial. Por isso, podia passar dias escrevendo um mesmo trecho: não conseguia avançar se sentisse que uma frase estava fora de lugar.



É um livro extremamente imagético e sensorial, que explora a ambiguidade de sabermos que aquilo que desejamos não só é inalcançável, como nos levará à ruína – mas o desejamos ainda assim. Sendo mais específica: é a história de uma mulher que tem certeza de que sua gravidez irá matá-la, de que nunca vai encontrar sua filha, mas que anseia pela maternidade como se ela fosse possível.

Essa ambiguidade é esquadrinhada em uma mistura de ficção literária e horror psicológico, corporal e social, não para provocar sustos, mas para aprofundar a conexão sensorial entre a protagonista e o leitor. Também por isso, é uma narrativa que centraliza o corpo dela. Aqui, o corpo é soberano. Seja porque ele medeia todas as nossas interações com o mundo interior e o exterior, ou porque ele é capaz de se modificar contra nossa vontade, mesmo que isso o leve à própria aniquilação.

Bruna de Lara nasceu no Rio de Janeiro em 1995. Escritora e jornalista, publicou os romances *Ela vai queimar se ficar aí* (2025) e *Se o sol apagar* (2023). É também coautora da coletânea de ensaios *#MeuAmigoSecreto: Feminismo além das redes* (2016), escrita junto ao Coletivo Não me Kahlo. Foi duas vezes finalista do Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo, o maior da América Latina. Atualmente, trabalha em seu terceiro romance e atua como coordenadora de jornalismo e distribuição da Gênero e Número. | brunadelara.com.br | @delarabruna



PLÁSTICO

Daniel Vaccaro

minhas fibras
se derretem
às vibrações distintas
de minhas amadas angústias
inacabadas
tenho sede de mar
mas hoje ainda
me contorço
em meus ossos de plástico







estrambótico corpo

Jeff Mercadante



o celular desperta
são 5 horas
ele soma 3 desde o segundo em que
se deitara
como se dormir
horizontalizar-se fosse
soma pelo menos 23 desde a última
vez
que desligou aqueles sentidos da dor

levanta
caminha 3174 passos
entorpecido pelo anseio de se
apagar
sobe 3 degraus
escolhe o melhor lugar para
acomodar a sua dor
tem o privilégio de pegar no
primeiro ponto

sentado
em posição do sono dos injustiçados
olha o celular
na ânsia de contabilizar o crédito de
descanso

pela primeira vez naquele dia
observa
quarta-feira, 05 de novembro de
2025
8 meses da morte de sua mãe

desconta minutos do saldo
para lembrar da mulher
morta
no caixão
velada por todas aquelas pessoas
curiosas
no foco
aflige-se
a mãe não gostava de fotos
ele também não
o desconforto
ser olhado
julgado
condenado
pra foto a gente murcha a barriga
endireita as costas
cerra os olhos

morto não

ele precisou protegê-la
projetado sobre o caixão
via a mãe inchar
arroxear

não sabe se foi o barulho
ou o abrasamento da lata cantando
sob um céu de bronze
cozendo a fogo lento
como porco
seu estrambótico corpo



abriu os olhos
alvo dos adolescentes
riam
ele
colado ao assento
por uma espessa camada de suor
que encharcava a sua roupa
escorrendo de todos os poros
para todas as partes

o suor fala
diz que ainda há medo

e quando chegasse a sua vez
quem protegeria o seu corpo?

e se morresse ali
aqui
agora

ele precisou protegê-la
projetado sobre o caixão
via a mãe inchar
arroxear
até que

explodiu
fragmentada
jorramento rítmico
como dança de retalhos
de mucos
tripas
entranhas
putrescência
tingindo as janelas do ônibus
que olham pra ele
de mãe e filho sujas







abriu os olhos
alvo dos adolescentes
riam
ele
colado ao assento
por uma espessa camada de suor
que encharcava a sua roupa
escorrendo de todos os poros
para todas as partes

o suor fala
diz que ainda há medo

e quando chegasse a sua vez
quem protegeria o seu corpo?

e se morresse ali
aqui
agora

ele precisou protegê-la
projetado sobre o caixão
via a mãe inchar
arroxear
até que

explodiu
fragmentada
jorramento rítmico
como dança de retalhos
de mucos
tripas
entranhas
putrescência
tingindo as janelas do ônibus
que olham pra ele
de mãe e filho sujas

o celular desperta
ele limpa a tela
coberta de gosma humana

são 5 horas
ele soma 3 desde o segundo em que
se deitara









ROUPA DE CAMA

Rodrigo Ortiz Vinholo

Toda noite minha cama me lembra de meus fracassos,
cada um dos descompassos, omissões e deslizes,
apontando infelizes decisões e caminhos não trilhados,
enquanto fora riem prédios e telhados, espalhando minha má fama.

Toda noite meus lençóis querem meu pescoço,
tentam quebrar algum osso, se enroscam em pernas e braços,
apontando meus embaraços, abafando minha pouca autoestima,
toneladas de culpa por cima, rasgando carne como anzóis.

Toda noite meu travesseiro tenta me afogar,
me manda a um lugar de descanso eterno sem descanso,
um mundo cinza, manso e morto, onde nunca serei suficiente,
onde, se um dia eu for gente, eu jamais serei o primeiro.

vale do flegetonte

Vânia Karen Trentini

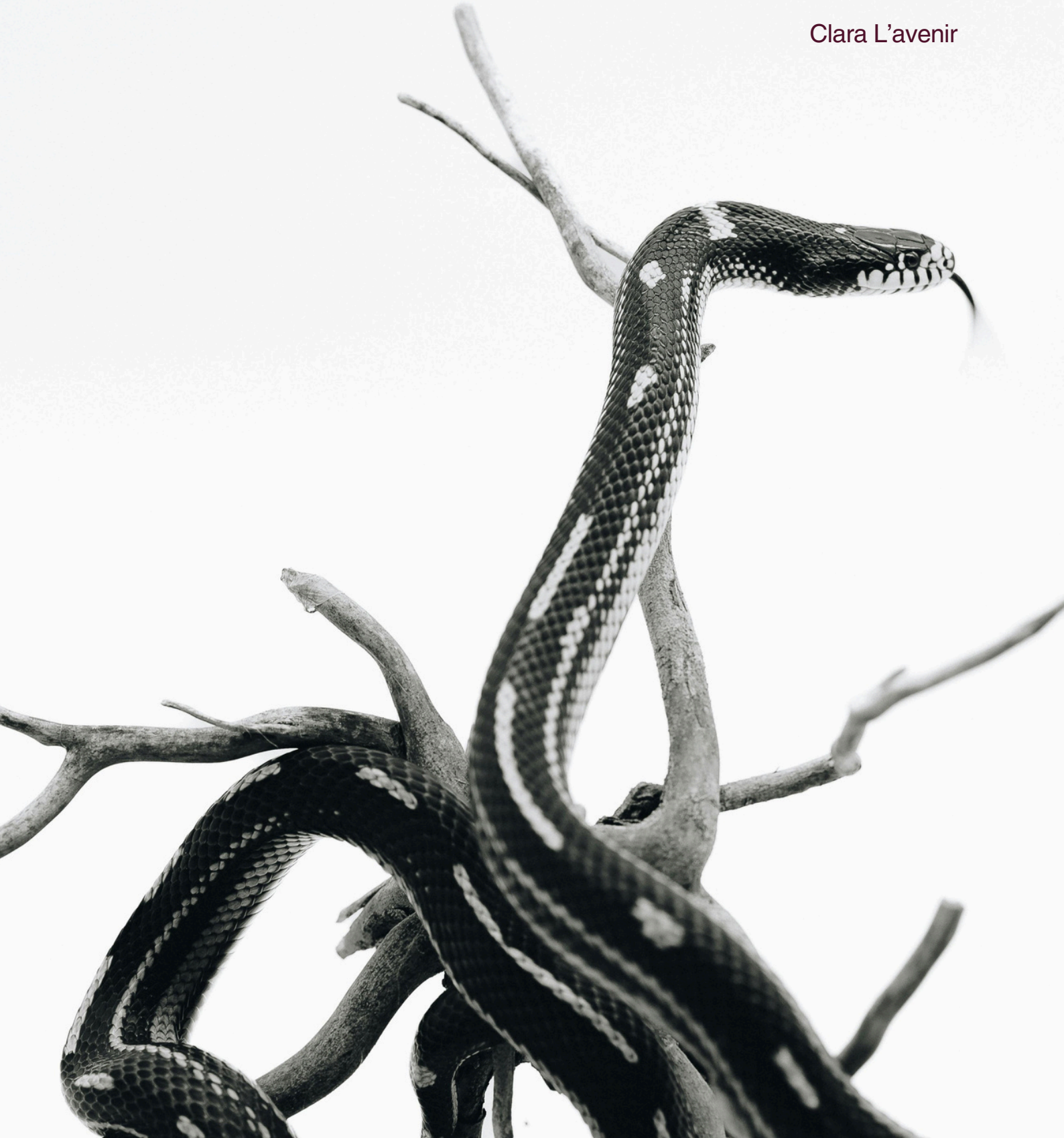




É fim de ano, menina
Sou o diabo, mas lhe reservo uma boa ação
Não por você
É que me dá ânimo pra voltar pra maldição
Vi seu pesadelo
Ouvi seu grito
Senti seu choro, menina
E vim contar:
Ele desceu ao Sétimo Círculo
Chafurda na cachoeira de sangue dos oprimidos
Seu sangue, menina, também se encontra lá
Submerso até o nariz
Não o deixo respirar
Tem os olhos esbugalhados
Precisa ver o horror, menina
Mas agora, durma
Que amanhã, acordada ou dormindo
Para que nunca me esqueça
Venho de novo lhe visitar

666

Clara L’avenir



I. Começa quando o medo espreme seus limões no meu rosto sereno, quando meu dedo mofa em seus espinhos. Rodeada de fantasias e serpentes o mito da criação me traiu mais uma vez. Um bicho um homem uma besta uma lapiseira perfurando a folha a alvura dos primeiros anos higiênicos. II. Então o escorpião pica a abelha que murcha sua seiva do centro, de dentro do oco nasce um grão de tênia do grosso da literatura comparada. Comparativo entre cânone e lixo, esterco e gordura. III. Um pesadelo em cubos quer o mal das belezas em formação, os anos do meio fazem as sinas do fim [que se aproxima]. Não gosto de churrasco você me oferece um pedaço de linguiça toscana defumada baforada do seu seio. O Deus me espreita e tatua no meu mal, ele me arremessa ao estado profundo, uma salinha estreita um habitat para ratos. IV. A ratoeira fede e eu sou o rosa no choro do azul, raio amarelo de socorro. Amanhã eu acordo e esqueço. Vai ficar tudo bem [ainda que escarlatinas jorrem]. Ódio gana raiva marco traço risco fel colérico pesadelo histérico de madona. V. Brinquedos falam. Bonecas gritam do castelo que criou suas resignadas intenções. Naquela noite conheci a timidez do sebo nas páginas das páginas no ventre baixo. Falo calo falo calo acordo calo acordo falo falo fálico cobra. Silvo em chiado na floresta das porcelanas.





ATO DE CONTRIÇÃO

Julia Alfa



Quando não há nada ainda há luz mas a luz é chama de vela que derrete em cera quente e a escuridão é uma criatura faminta que rasteja e lambe as paredes com língua de nanquim envolvendo o corpo pequeno demais para a dor adulta que grita e grita e grita como se ainda estivesse aprendendo a ser carne enquanto a sala gira e se transforma num carrossel com seus brinquedos caindo aos pedaços todos se contorcendo em horrores que dizem em uníssono é hora é hora é hora e eu pecadora me confesso a Deus todo poderoso à bem-aventurada Virgem Maria ao bem-aventurado São Miguel Arcanjo ao bem-aventurado São João Batista a todos os santos e a vós irmãos e é tão cedo meu Deus tão cedo cedo demais para mim cedo demais para aquilo que não escolhi e no entanto não há o que fazer céus há de haver mais tempo há de haver solução mas o relógio diz é hora é hora é hora por minha culpa minha tão grande culpa por pensamentos palavras e obras por algo que nunca foi escolha definhando na sala inquieta onde os abutres sem bico nem penas sobrevoam o corpo ainda vivo e aberto disfarçado de lar como se dele houvesse algo a ser arrancado como se a vida de dentro valesse mais que a vida de fora e está escuro escuro escuro e a corda bamba que sustenta a existência está prestes a ceder portanto peço a vós irmãos que rogueis por mim a Deus Nosso Senhor amém e o relógio grita com a força de todos os seus tiques e todos os seus taques mas o corpo grita mais alto tão mais alto que as paredes não contêm o som e se racham em murmúrios perdão perdão

perdão vozes que escorrem pelas frestas e sussurram perdão perdão perdão mas então a cacofonia cessa num instante terrível de silêncio infindável e o relógio volta a dizer é hora é hora é hora e talvez seja mesmo hora quando os lençóis vermelhos se aquietam mas o sangue se agita o sangue é fluido e continua escorrendo embora não haja mais nada após três trimestres é dada a luz ao mesmo tempo que é dada a escuridão e há um primeiro choro infantil que não pertence à sala e há uma última lágrima púbere cristalizada no rosto que partiu e quando os ponteiros estendem braços longos e frios sussurra-se é hora é hora é hora e a luz enfim se apaga como vela derrubada por mãos pequenas que nunca tiveram tempo de crescer o suficiente para segurar o próprio destino e o relógio diz hora de óbito hora da morte hora do fim enquanto no canto uma sombra miúda recém-chegada embala num carrossel quebrado que gira que gira que gira.







A IMUNDA

Mariana Mohsin

A rua me visitou pela primeira vez quando mamãe lavou minha boca. Mariazinha tinha cabelo comprido e cara de bolacha, Mariazinha me beijou, eu tinha sete anos, ela doze, não sei se foi errado, não sei se gostei, mamãe usou sabão de lavanda para me purificar, esfregou, moeu, rosnou a podridão de Mariazinha para fora de mim. À noite, fechei os olhos e vi a rua. Aparência úmida e azulada. Um beco de ratos, lixeiras, lama. A cabeça tremia para acordar, o corpo queria ficar ali para sempre. Para me consolar, a rua me dizia que eu continuava imunda, mas o consolo me dava medo porque eu tinha o gosto limpo dos dedos de minha mãe, tão bonita era mamãe, por favor, rua, me deixe ser limpa como mamãe quer que eu seja, por favor, rua, me deixe em paz. Como uma dama educada, a rua escutou meu receio. Não era a hora. Foi embora. Virei mulherzinha e tudo bem. Casei e tudo bem. Engravidei e vomitei. Vomitava feijão, ovo e pão. Vômito muito limpo, muito perfumado. Sonhei com a boca de Mariazinha. Era a boca da rua. Tentei acordar e não consegui. Oi, menina. É hora, menina. Do quê, rua? Você sabe, menina. Eu soube em um domingo. Eu na casa de mamãe, a mão dela em minha barriga, a mão dela em minha cabeça quando vomitei o frango e o macarrão na privada, minha mãe não sentiu o cheiro de lavanda, mamãe, acho que vou ter uma menina, que bom, filhinha, mamãe, ela vai ter nome de Mariazinha, igual ao da menina que tomava conta de mim na infância. O anel de minha mãe me cortou o canto direito do lábio que desceu em linha reta até o queixo. Linha passiva e bela. Como mamãe. Era hora. Eu sabia. A rua sabia. Cabeça no travesseiro, pálpebras desacordadas, a voz da rua como farol poluído. Aqui, me dizia. Deite-se aqui, no meio da lama, no meio da sujeira molhada, no meio das baratas mortas. Eu me deitei. O sangue em minhas pernas escorria como diarreia. De longe, escutei os gritos do meu marido. Mas eu continuava na rua. A rua me motivava a terminar de parir Mariazinha. Como é bonito parir, rua, como é bonito morrer. De longe, o marido gritava meu nome, um nome que não pertencia a mais ninguém, eu era da rua. Eu era imunda. Eu era um destino cumprido. Estou limpa, mamãe, finalmente, estou limpa.





RODA/MOINHO

Patricia Retti

A noite foi curta. Sonhei com minha mãe. Primeiro, um zumbido no ouvido. Depois, o barulho choco do vácuo. Vieram rodas metálicas, com suas engrenagens agindo pesadas nos seus encaixes perfeitos. Havia uma beleza azeitada, no brilho polido do bronze escovado. Abraçaram meu corpo imundo, mastigando minha cabeça, lambendo minha vulva, arrancando as unhas dos meus pés. E foi então que mamãe apareceu, descalça, tocando nas rodas de leve, pegando minha carne moída pelo chão e levando à boca. Lambeu os dedos e com a língua cutucou um fiapo de carne entre os dentes. Despertei paralisada, custei a conseguir respirar, empapada de suor: outra noite sem repouso.

Um latejamento dolorido pelo corpo restou como um vestígio: outra vez um trapo com os flashes de menina que me pegaram pela mão e sorriram como quem esconde faca. No dia, arrastado, lembrei até da temperatura daquela madrugada antiga e do ar fresco que me beijou logo antes de acontecer, quando meu próprio corpo despertara antes do mundo e eu apertara as pernas, no arrebatamento que viera sem nome, sem culpa, sem dor no quarto escuro. Nenhum cheiro de café. Nenhum ruído da casa. Só o coração batendo onde ninguém ensinara que havia coração. As rodas tinham vindo antes naquela noite, macias, festivas, rodopiantes. Pompons, bolhas, giros. Embalaram-me até o sono vir. Pela manhã, a mancha úmida na calcinha.

Fui correndo até minha mãe. Com uma mão fiz uma concha na boca, com a outra apontei-me:

— Aqui, de noite, bateu meu coração — cochichei.

O tapa veio de cima, com as costas da mão. Minha boca abriu em sangue.

— Lava. Esconde. Some. — gritou entre dentes.

Agora, as rodas não dançam nem acalantam. Rangem. Gemem. Sussurram. Esmagam-me. “Suja. Suja. Suja.”





[dançar sobre os ossos]

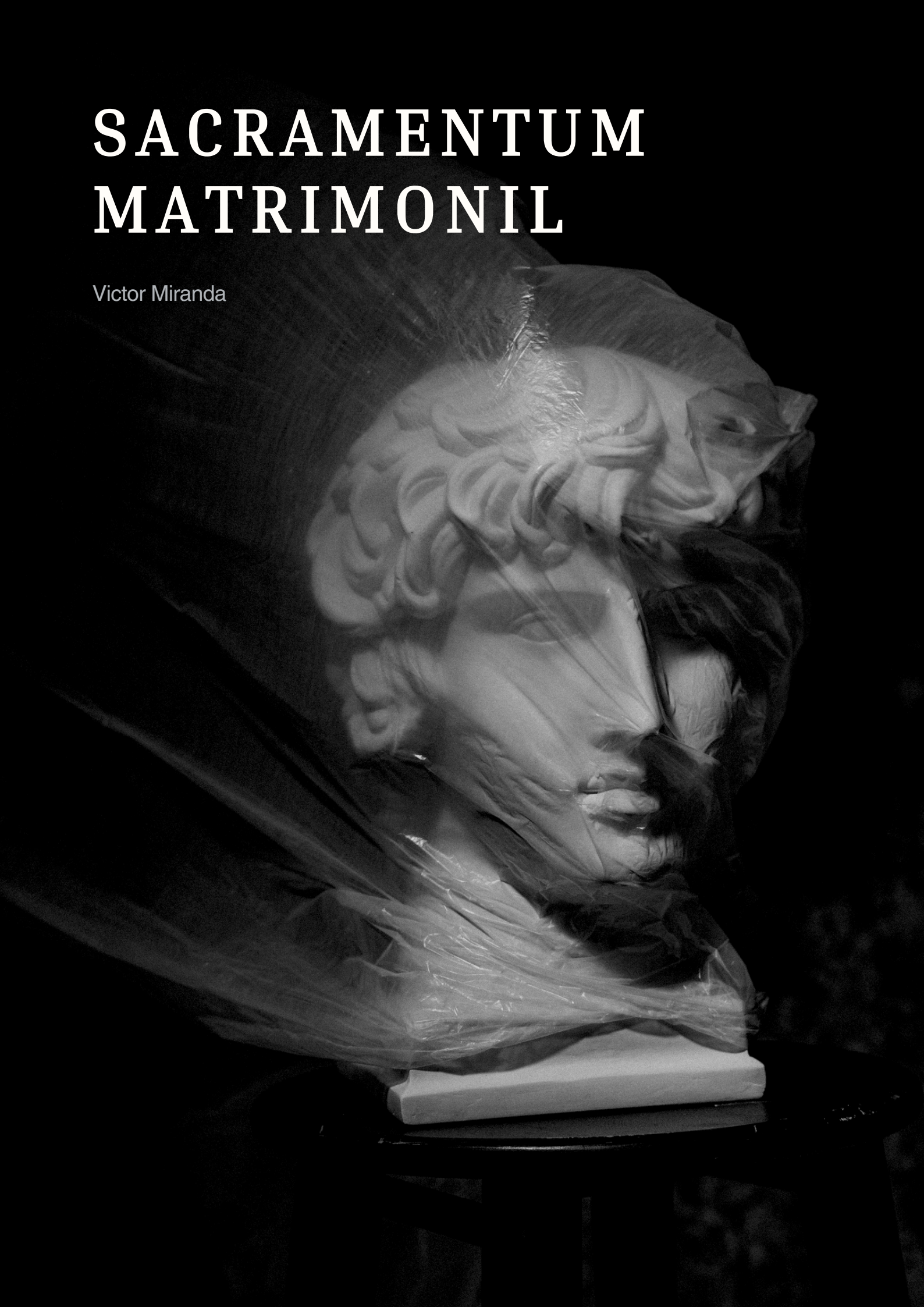
noi soul



o reflexo do rio
mostra a força
sobre quatro patas:
a loba indomável
no transe do seu
próprio templo
o corpo coberto
de visgo púrpura
desenhos silvestres
marcados a fogo
em cada vão do seu lar
instinto atento
na ponta da pele
os ossos do tempo
espelham o cantar

SACRAMENTUM MATRIMONIL

Victor Miranda



O sonho sempre começa do mesmo jeito: duas velas se acendem no altar da igreja iluminando o crucifixo com o rosto do meu marido.

De alguma forma, sei que muitos vieram porque ele sabe como entrar no coração das pessoas. Elas quase sempre o procuram; querem estar perto de alguém bom, altruísta, que cura os enfermos e salva vidas. Alguém que cresceu numa família pobre, que não perdeu a humildade mesmo quando terminou o programa de residência.

As pessoas me observam em silêncio, mas desviam os olhares quando percebo. Fingem normalidade, como se soubessem de algo que eu não sei. As velas se apagam junto ao brilho dos olhos de gesso quando todos vão embora. E a fumaça dos pavios se espalha como névoa. Falo com o crucifixo na esperança de conversar com aquele que conheci. Aquele que dizia me amar incondicionalmente, que me ensinou o verdadeiro significado de empatia.

Não há resposta. Apenas apatia.

Sem entender, pergunto a ele se fiz algo de errado, se não tenho sido uma boa devota. Silêncio. Pergunto se ele está me ignorando por causa do vestido que usei no meu aniversário ou da mensagem que recebi de um colega do trabalho.

O crucifixo me olha com um desprezo estático. Um vazio inquietante. A névoa o distorce. Pergunto se ele acredita que traí sua confiança por não ter ido à missa no último domingo, se cometi um erro por querer mais tempo pra mim.

De alguma forma, sei que envelheci desde que o coloquei naquele altar. Pergunto a mim mesma por que ele continua sendo bom, altruísta e humilde com os que não se dedicam a ele como eu. Me pergunto, mais uma vez, se não estou sabendo me comunicar. Ou se estou sendo arrogante, insensível ou egoísta.

Meus dentes caem enquanto a névoa se dissipa diante do crucifixo. É o mesmo rosto de sempre, mas não o reconheço. Nem sequer me reconheço. Pergunto a mim mesma, pela milésima vez, por que não acreditei que ele seria capaz de me machucar depois de ter me machucado tantas vezes.

Ele sussurra:

— Porque eu te amo.

E eu sempre acordo ao lado dele.



sibila

Viviane Oshima

Volto pra casa depois de assistir *Tár*, e a música da ayahuasca, logo do comecinho do filme, fica na minha cabeça.

Fico assistindo o filme dentro de mim, e não consigo dormir. E, ainda assim, durmo.

Acordo com o desejo dele, o homem que quero aqui, comigo, na cama. Vejo o desejo do meu lado, e não ele. No lugar dele, a certeza de que nunca serei amada. Amarga, amada, companheira, a certeza.

Vou fumar e vejo uma cena da infância (esse filme está me fazendo ver coisas, brinco). Sou menina e minha mãe se ajoelha diante de mim, depois de ter batido em mim, e chora. Arrependida, chora. Triste, chora.

Ajoelhada, ela chora. Eu, não.

Olho pra ela de pé, como quem a mata apenas por não chorar.

Procuro comentários sobre o filme que vi na noite anterior, quero saber se deveria gostar do que gostei, quero autorização.

No filme, a maestro enlouqueceu. Outra mulher que a amou se ajoelhou, para sempre, diante dela.

E leio o mal que todos, dentro e fora do filme, veem na personagem. Me surpreendo.

Eu não entendi o filme?





Eu a perdoo, sozinha, fumando. E, ainda por cima, rio.

É quando uma cobra gigante (de onde veio?) me engole. Viro menina, e entro dentro dela, deslizo pelos líquidos e cores que a compõem, tento me segurar em suas vísceras, mas escorrego e escuto dela: boa boa boa.

A minha boca sorri trezentos mil dentes ao escutar o que ela me diz, e se arreganha, matando as palavras proibidas. Meus pés pequenos tocam a cobra por dentro, a cobra sorri e fuma, põe sua língua pra fora para cheirar o que tem lá fora, para me proteger. De dentro da cobra me formo, caem pedaços de mim, e eu sou também jiboia. Ela serpenteia, e tem modo mais bonito de se mover? Ela serpenteia pelo chão comigo em seu estômago, eu a vejo de dentro, sou a comida dela, e também de fora. Ela não rasteja: desliza e dança. Se ela abre sua boca, suas presas aparecem, e ela não tem vergonha de ser tão bonita, serpente. De sua boca sai um som que sibila, ele nasce lá da ponta de seu rabo que chacoalha fino e atravessa seu corpo todo, que dá voltas, até sair e se criar no contato com o ar, o que está fora. Um som que me dá prazer. Eu dentro dela brinco, rio, escorrego, descanso. Eu sou dela, ela é minha. Ela me sorri sendo ela. Eu sorrio e descanso, o ácido de seu dentro derrete minha pele, carne, ossos, e eu morro, desapareço, para ser dela para sempre. Nessa hora, a serpente chora e me diz que ficaria comigo menina para sempre sempre sempre.

Eu respondo a ela: eu sei sei sei.

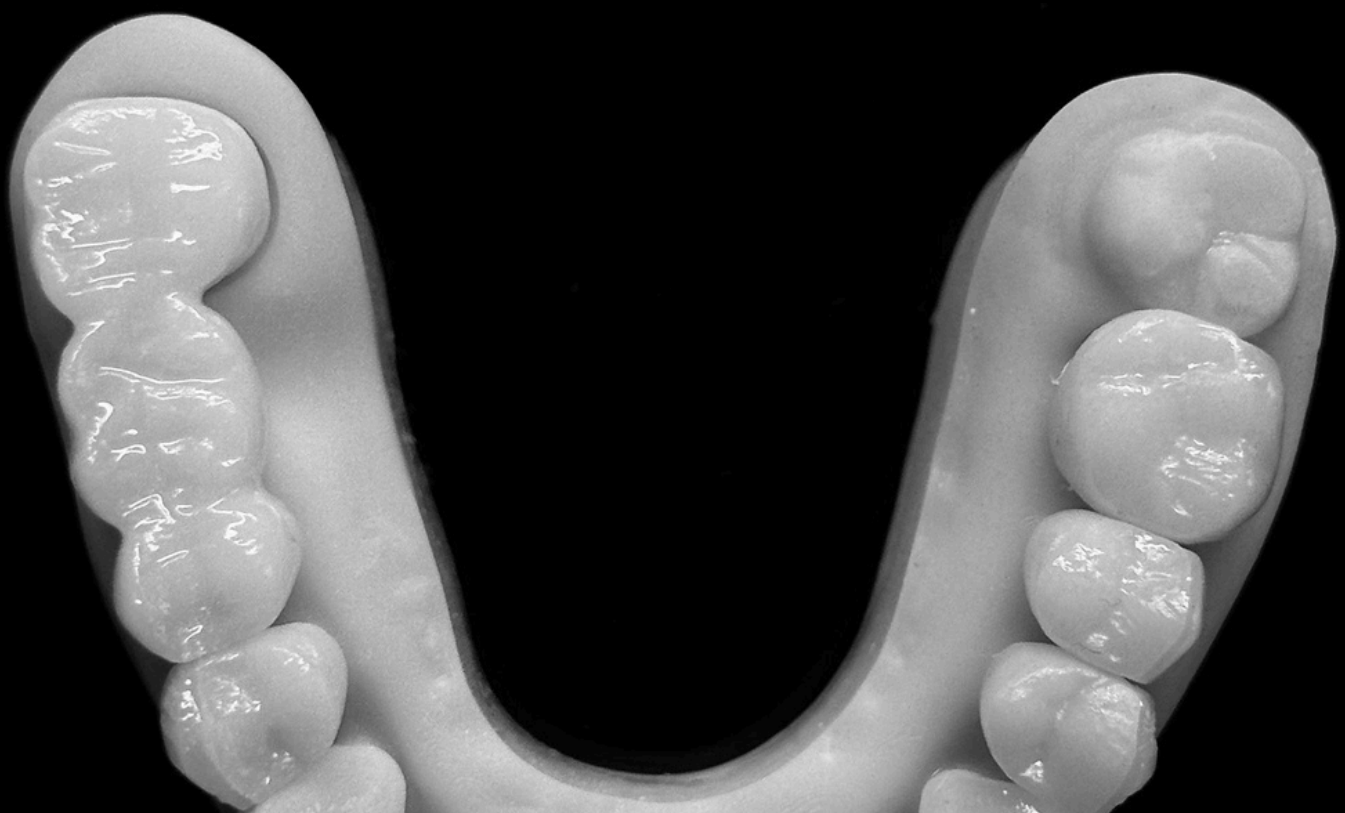




INTERNA

Julia Maria

penso que se este prédio é um corpo,
pelo carpete, entre os leitos,
corre o sangue:
de seus tijolos escuros rangem os dentes
e na passada troncha degrau abaixo
escuto bater o ágil coração.
frio toma o assoalho,
resvala pelo teto do quarto e se desfaz
em sopro mudo ao pé da cama,
onde me visto com a coberta sobre o rosto
como se trajasse a pele pelos pés.
enchendo as paredes do vento
que sopra pelo sulco nas costas,
o prédio se alimenta do que sou eu
e põe pra fora o que era dele



bilhetes noturnos

lude freitas

(remetente)

antes de dormir
o corpo renuncia a posse
bocejam todas as cômodas
por todos os cômodos
a casa anuncia a presença

a infiltração
solta o osso da pele
range articulações
dos pulsos às mãos
brotam nascentes

o rio serpenteia a noite
por dentro de um corpo
desesperadamente
hospitaleiro

*

a loucura era um barco
e o corpo
era o porto

todos estavam no cais
em busca de distração

afogava-se em segredo

*



a madrugada convida
ao abandono

há uma sombra na cratera do tempo

o assombro
sussurrando versos indigestos
na parede ácida do peito
corroendo noite adentro
chorando, suando
o corpo insone melado
prenúncio de uma
coisa pegajosa

ainda está cinza, o céu
taciturno, silencioso

as nuvens se espalham entre nossos corpos
fecham o tempo que doamos para o mundo

o presente é um termo
desumano
tão aderente
quanto fugaz

(destinatário)

jura que durante as horas de voo
sustenta o avião com a mente

que a vontade de continuar vivo
impede a queda derradeira

faço assim com a angústia
seiva dessa árvore imensa



na criança cresceu uma asa quebrada
com a mente, juro que sustento o voo

é como se a protegesse da ferida
no músculo do meu coração:

pulsante
mantém viva a sua vontade de viver

*

a menina beliscou-se
para acordar no sonho

a permanência foi
o último bicho papão

a realidade
uma clausura
uma cláusula
em letras miúdas

o sono profundo
está em vigília

rasgando a defesa
mostrando a carne
da vida em gestos

interpostos adjetivando
todo ruído sem nome

o sonho acorda um poema
escrevendo-se na menina







gatos pretos não vêm ao caso

Júlia Rathier

Quatro sextas-feiras e mais outros dias que Milu não dorme em casa. Da última sexta, o pesadelo foi forte. Naquela, ela tinha tomado um círculo azul-grande que vem depois do círculo branco-pequeno. E quando ela toma os dois, é porque o negócio tá feio.

Me acordou de madrugada porque choro e resmungos. Não, comigo não, eu faço tudo certinho! Levantou e foi conferir o espelho. Demorou pra pegar no sono de novo. Eu encarei os quatro cantos do quarto pra ver se não tinha mais ninguém ali. Negativo.

Desde então ela só vem pra tomar banho e trocar de roupa. E arrumar uma mochila. E achar que me ganha com carinho curto.

Hoje mais cedo o infeliz dela passou aqui. Abriu a porta, assaltou a geladeira, comeu tipo cão e deixou uma bagunça. Tentou tocar nas minhas costas. Não deixei. Corri.

Eu não esqueço das coisas. Ele grita com ela. Comigo. Tenta me bater quando eu mio à noite e outras coisas de otário imbecil inútil. Você liga mais pra esse bicho do que pra mim, ele disse na condição de otário imbecil inútil logo que eu cheguei aqui. Liga mesmo, eu pensei na hora. É a vida. Uns escolhem, outros são escolhidos. Mas, pelas barbas de Garfield, eu não sei o que fez a Milu escolher ele.

Eu escolhi a Milu numa sexta treze. Gostei da caixa de papelão que ela deixou debaixo da marquise da mercearia.

Metade da graça foi miar até que ela me visse, no meio dos pedaços rasgados que fiz pra brincar. Tinha descido daquela coisa que carrega ela e o infeliz. Entregou o treco protetor de cabeça pra ele e enquanto o som dele ir desaparecendo na rua aumentava, ela se abaixou na minha direção.





Devem ter te abandonado, me falou. Sei como é. Mas agora vou cuidar de você, completou. Os humanos têm certeza de que qualquer coisa indefesa quer ter dono ou ser salva. Mais ainda gatos pretos. Aceitei. Era ela que parecia querer ser salva. Não brinque com a curiosidade de um gato, eu miei respondendo.

Engraçado é se achar minha dona enquanto me dá comida, lugar quente, limpa meu cocô e dá carinho curto — o longo tem que voltar.

Foram meses até eu me acostumar a dormir perto daquele travesseiro com cheiro de baba que o infeliz deixava. Principalmente porque quando ele gritava com ela e saía, ela tomava os círculos azuis-grandes, mais de um, e os pequenos-brancos, mais de um, e aí era choro na cama e eu chegava perto, ficava até ela dormir, mas demorava.

Já te disse que foi esse gato preto chegar e você perdeu mais ainda a noção, o infeliz otário imbecil inútil falou. E lá foi ela tomar os círculos azuis e brancos. Outro dia eu tava mordendo os chinelos preferidos dela, ele tirou de mim e sumiu. Olha os chinelos que você tava procurando, mordidos e virados pra baixo, esse bicho é o demônio, tô avisando, foi o que disse na última sexta que ela dormiu em casa.

Ele jurou que eu tava amaldiçoando a casa. Incomodou até ela chorar. É esse gato que me segura da morte, ela disse. Sobre mim, óbvio. Tão bonitinha. Quando voltar, talvez eu a recompense com massagem na barriga só por ter me dado essa lembrança. Fico com ódio quando a memória se remenda com a resposta dada pelo infeliz otário imbecil inútil. Ele não te segura da morte, ele é a própria morte, coisas estranhas acontecem nessa casa por causa desse bicho, berrou com a boc... Pera. Ele tá entrando. Tá sem ela. O que veio fazer de novo sem ela?

Quebrar o espelho!





TERRA DO SOL

Carmen Guerreiro

Estou no supermercado. Caminho entre os corredores, mas não reconheço a maior parte dos produtos nessa língua tão distante da minha. Escolho o café com o nome da cidade, ao lado daquele que estampa um indígena americano com penas na cabeça. Passo pelo shampoo “Samba”, e um macaco feliz na selva sorri para mim. Essência de banana, passo. Esqueci o detergente. Meu dedo passa pelas embalagens “Segredos da Amazônia”, “Escape exótico”, “Pureza nativa”. Tento achar um neutro, mas não consigo.

Estou imersa em um líquido cremoso e quente. Passo os dedos sobre os olhos e tiro uma camada espessa para tentar enxergar. Mas o chão se curva e eu tombo, escorregando na direção de uma enorme boca. A superfície é lisa e não consigo me segurar. Olho para minhas mãos, meus braços, meu tronco, e só vejo sopa — antes de não ver mais nada.

Estou no consultório médico. Na recepção, me concentro para falar a língua deles de forma clara e articulada. Como são poucas palavras, creio que consigo sustentar a imitação dos sons e fazer meu desencaixe passar despercebido. Mas a recepcionista aperta os olhos, e repete para mim o que eu disse em formato de pergunta, para confirmar se entendeu. Sinto minha máscara cair do rosto.

Ao entrar no consultório, pergunto se o médico fala inglês, para que eu não perca nenhuma informação importante sobre meu corpo. “Não. Na Alemanha se fala alemão”, ensina. “Mas que línguas você fala?” Cito quatro opções e, a partir dali, nossa conversa é em inglês.

Enquanto ele me examina, os músculos da minha coxa se contraem para fechar as pernas, em um impulso de proteção, mas a racionalidade e a adequação prevalecem. Enquanto pergunta minha origem, não levanta os olhos para o meu rosto. Ao que respondo, diz: “Vocês são tão alegres, apesar de tudo.” E prossegue, durante meu silêncio, a discursar sobre como a vida não está fácil na Alemanha, e pergunta se isso me faria voltar. Respostas possíveis se embaralham na minha mente, mas respondo somente que não. “Aqui é tudo tão complicado... Vocês são mais simples”, ele sorri, enquanto tira as luvas e gesticula para que eu desça e me vista. “Obrigada, doutor”. Vou ao banheiro me limpar, e aperto a válvula do sabonete verde “Origem intocada” sobre a minha mão.





Estou de frente para um microfone. Puxo fôlego, mas a voz não sai. Um vento vazio sai da minha boca e esquenta o metal do aparelho. Tento de novo e nada. Bato no microfone, checo se está ligado. Mas o silêncio vem de mim. Encho os pulmões e abro a boca para berrar — de certo algo vai sair. Não... Nenhum grunido.

Estou atrasada e aguardo o semáforo abrir para os pedestres. Alterno o peso dos pés, buscando paciência no movimento estático. Nenhum carro à vista. Meu olho analisa o rosto de quem me acompanha na espera. A aflição parece ser só minha. Vou atravessar. Vou, não vou, vacilo. Não quero ser um deles.

A luz verde abrevia minha agonia. Os passos tentam compensar o tempo perdido. Mas a vendedora da loja diz que ninguém pode mais entrar, porque vão fechar em 20 minutos. Explico que é rápido, só preciso trocar uma peça. Ela resmunga para eu voltar amanhã. Engulo minha frustração. Não quero ser um deles.

Avisto o vizinho do térreo ao me aproximar do meu prédio. Tento montar frases na mente para me preparar para a interação. Na hora do contato, só consigo dizer oi. Ele está de frente para os contêineres de coleta seletiva do prédio, e balança a cabeça em desaprovação, sem olhar para mim. “Esses estrangeiros não sabem separar o lixo. Você pode ensinar, mas eles não entendem. Não é da natureza deles”, resmunga indignado. Não tenho certeza se fala comigo ou sozinho. Não quero ser um deles.

Fecho a porta de casa, e percebo que preciso lavar uma blusa para usar na entrevista de emprego amanhã. Pego o sabão de roupa Néctar do Sul, e o amaciante Magia ancestral. Olho para o relógio, oito e meia da noite. Droga, os vizinhos vão reclamar. Não quero ser um deles.

Estou em uma caixa transparente. Empurro os pés, tento esticar as pernas, mas ela não se deforma. Empurro as laterais com as mãos, mas meus braços não chegam a se estender. Não caibo. Minha respiração fica curta, rápida. Bato para tentar chamar atenção, acenar por ajuda de uma das dezenas de pessoas que passa ao redor. Mas nenhum par de olhos se fixa em mim. Tento captar todas as moléculas de oxigênio disponíveis, preciso respirar. Quanto mais tento, menos ar entra.

Estou em um restaurante. O homem sentado do outro lado da mesa se debruça e muda o tom de voz. “Sabe, eu sempre quis ficar com uma brasileira.” Pisco. “Você não pode falar uma coisa dessas”, é a única frase que consigo articular. Me surpreende que ele não se retraia. Seu rosto expressa curiosidade e incompreensão. “Por que não? Eu me sinto lisonjeado quando uma mulher diz que sempre quis ficar com um francês.” Peço licença e vou ao banheiro do restaurante. Sentada no vaso vejo o desinfetante “Paraíso Tropical”. Meus olhos fixos borram o desenho das palmeiras da embalagem, pois minha mente é quem comanda. Me imagino jogando o drinque laranja brilhante de verão europeu na cara do sujeito, derrubando tudo da mesa, berrando entre as cadeiras ocupadas as verdades que eles todos precisavam ouvir.

Estou de frente para um documento, em um entorno branco e sem contornos. “O comportamento da paciente 164.575, previamente conhecida como Sra. Defora, aparentemente inexplicável, é na realidade resultado de histeria tropical, uma condição natural dos nativos das colônias, especialmente entre fêmeas. Incapaz de plena racionalidade e influenciados pelo clima, pessoas acometidas por este mal crônico precisam de medicação de uso contínuo para alcançar um estado de saúde considerado normal.” Tão logo as últimas palavras são compreendidas pelo meu cérebro, dois uniformes brancos aparecem por trás de mim e se entrelaçam com meus braços, enquanto uma terceira pessoa uniformizada aperta minha bochecha e faz minha boca abrir involuntariamente enquanto me debato. Meu corpo me trai, empurrando o comprimido branco pelo esôfago sem que eu possa contradizê-lo.

Estou de pé no metrô. Uma senhora me observa fixamente. Seus lábios estão contraídos e sérios. Sempre que olho de volta, seus olhos julgadores continuam a inspecionar uma parte diferente do meu corpo. Quero confrontá-la, perguntar qual é o seu problema, xingá-la com um insulto histórico, envergonhá-la. Mas lembro do comprimido branco que tomei enquanto dormia, e faço minha cara de normal.

Estou em uma jaula. Eles me observam de longe. Há um fosso entre nós. Crianças apontam, velhos dão risada. Pais explicam. Tento me esconder, mas não acho abrigo. Então encontro no chão um binóculo. Pego o par de lentes e vejo os rostos curiosos de perto. Observo de volta. Na mão de uma mãe está o álcool em gel Terra do sol, que ela despeja nas mãos da família.

ANIVERSÁRIO

Branca Lescher



Uma camisa branca de mangas curtas e calças de tergal bege aguardavam por mim, penduradas no cabideiro. Decidi usar a polo vinho que adquiri quando ainda me inspirava sair às compras e minha calça de brim predileta, presente da finada. Deitados sobre a manta marrom da minha cama de solteiro, um talco e um perfume. Senti o cheiro doce e nauseei.

Polvilhei os meus pés e calcei os sapatos. Tossi com o pó branco. Já havia ouvido minha filha comentar sobre os meus odores pela casa. A ideia de cheirar mal sempre me foi insuportável. Do meu quarto, percebia os convidados, vez ou outra mencionando o meu nome. Minha filha abriu a porta do quarto, sem bater e disparou: “Pai, já colocou o perfume? Não está usando as roupas novas? Deixa, vamos, estão todos esperando”. Sem esperar por resposta, ela saiu pisando forte. Borrifei o aroma doce e fui para a sala.

Não queria festa, nunca gostei de aniversários. Senti o cheiro do cozido na mesa posta. Dei uma olhada na vasilha transparente e percebi boiando uma linguiça gorda, pedaços de carne, batatas e repolho. Reparei também no arroz branco empapado, num pirex transparente.

Cumprimentei a todos, sem beijar ninguém. Nem bem me sentei na cadeira, perto da mesa, recebi os primeiros presentes. Um pijama, lenços, uma pantufa e perfumes. Como crianças que não sabem esperar, os convidados descreveram o que trouxeram, roubando de mim a surpresa. Justificaram em uníssono terem recebido ordens. “Seu Osmar, a Lucinha nos disse tudo o que o senhor gosta. Distribuímos assim as prendas, cada convidado se incumbiu de um item”.

Sem vontade, sorria a cada novo pacote depositado no meu colo. Sinto saudade de quando eu os intimidava, só com o olhar. Minha filha disse a todos que sou uma belezinha, independente, que tomo banho sozinho, que sou asseado. Sem se darem conta de que eu estava ali, descreviam com lamentos os parentes idosos.

Um prato grande de cozido foi me entregue pela copeira. Com nojo dos embutidos engordurados, perdi o apetite e pedi a ela uma bebida, alguma coisa forte. Ela saiu, percebi o cochicho dela com a Lucinha e aceitei resignado o guaraná que me trouxe.

Esperei pelo Walter, mas ele não veio. Teria sido ótimo encarar aquela carcaça velha, comparar as rugas dele com as minhas. Sugeri, numa troça com ele, no passado, que trouxesse Dona Carolina em casa, ela e um litro de cachaça. Nunca esqueci a nossa visita ao seu alambique, anos atrás. Ele prometeu, mas eu nunca acreditei que fosse acontecer.



Na hora do bolo, me levantei. Todos cantaram alto e emendaram os parabéns entoando, “Com quem será, com quem será que o Seu Osmar vai casar...” Pensei na sorte das luzes apagadas. Com a claridade, os convidados juntaram-se aos seus pares e eu fui me recolher por alguns instantes no meu quarto. Quando voltei, quase todos tinham ido embora.

Agradeci à minha filha e fui resgatar o meu celular esquecido no quarto.

Escrevi uma mensagem ao Walter. Não obtive resposta, ele nem a visualizou. Perguntei à minha filha se sabia o motivo da ausência. Ela não quis me entristecer no dia dos meus anos, mas acabou contando, após minha insistência, que elefaleceu, após um infarto fulminante.

Foi a primeira emoção forte que nasceu em mim após os meus 90 anos. Alternei durante o convescote meu estado de espírito entre entediado e aborrecido. Saber da passagem do meu amigo me abalou. Minhas pernas começaram a chacoalhar, depois delas, o meu peito, afundado dentro da roupa.

A angústia voltou a me visitar. Fui apresentado a ela quando perdi Laura. Quem estaria comigo dali adiante? Durante a noite, quando eu me levantava para ir ao banheiro, ela percebia logo. Despertava e me dizia baixinho: “Osmar, acende a luz do abajur, presta atenção, não vai cair.”Um velho com o corpo cansado é o que sou agora, sozinho nas noites, sem a sua voz macia para me acalmar. Ao contrário do que dizem, não acredito que vamos viver bem até o 100. O corpo não aguenta. A morte do Walter poderia ter esperado um pouquinho mais, pelo menos até a nossa ida ao alambique da Dona Carolina.

Fiquei aliviado por ter perdido o enterro do Walter, deve ter sido burocrático, como todos os enterros das pessoas da minha idade ou um pouco mais jovens que eu. Por viver demais, já nos tornamos uma extravagância. No último em que estive, o do Gomes, fiquei pasmo. Entediados, os filhos pareciam estar cumprindo uma obrigação. Os netos choravam, talvez pelo ingresso da morte em suas vidas. Ninguém visitava o Gomes há tempos, foi o próprio quem me disse, passou os últimos anos em um lar para idosos.

Com os trotes, eu me divertia. Telefonava para o Gomes e ele sempre acreditava em mim. No último, disse que quem estava ligando era o José Sarney, o ex-presidente. Ele nasceu em 1930 também, no Maranhão, pesquisei antes de ligar. Falei que estava ligando por estar reunindo a turma do ginásio, procurando quem ainda estaria vivo. Foi hilário. O Gomes não desconfiou de nada. Depois, me penitenciei e me desculpei com o amigo pela brincadeira, cheguei a temer pela sua saúde, de tão emocionado que ficou com a suposta lembrança do ex-presidente à sua pessoa. Eu nem perguntei ao Gomes se de fato o ex-presidente era do seu ginásio. Achei melhor não o constranger mais.

Antes de sua ida para o lar, eu tentei apresentar o Gomes ao Walter. Um fiasco, minha empreita, foi antipatia à primeira vista. Combinamos de nos encontrar na pizzaria de sempre, à qual frequentei por mais de quarenta anos. Fiquei esperando ambos desde às sete da noite. O Walter chegou, em seguida o Gomes. Não sei se foi ciúme por minha causa, mas a conversa não engatou. Tentei todos os assuntos, mas um só fazia caretas ao outro e eu desisti. Eles começaram a disputar quem viajou mais pelo mundo e, na verdade, nenhum dos dois foi além da América Latina. Foi patético perceber ambos contando vantagens de algo que só eu sabia não ter acontecido.

Fui a última vez que estive naquela pizzaria. Eu ainda dirigia. Parei de dirigir perto dos 85, quando fui morar com a Lucinha. Minha vida se resume a acompanhar os seus passos e o seu cotidiano. Depois da viuvez, fiquei tão assustado de viver sozinho que aceitei o convite para ir morar com ela.

Um mês se passou desde o meu aniversário. Acostumado com a morte sempre à espreita, quase me esqueci do Walter. Numa tarde qualquer, modorrenta, como tantas outras, depois do meu cochilo da tarde, entrou no meu quarto a Dona Lourdes, cozinheira lá de casa.

“Seu Osmar, o interfone tocou. A Dona Lucinha não está em casa e eu já estou saindo. Tem uma Dona Carolina querendo visitar o senhor, posso mandar subir?”

“Como Dona Lourdes, tem certeza?”

“Tenho, Seu Osmar, ela disse que vem trazendo um presente de aniversário para o senhor, mas já está na minha hora, tudo bem o senhor ficar sozinho com ela?”

“Claro, pode mandá-la subir, pode deixar um cafezinho pronto?”

“Acabei de passar, vou abrir a porta para ela e já vou.”

“Por favor, peça para a senhora me esperar um minutinho na sala”

Abri o armário e vesti a camisa branca de mangas curtas e a calça de tergal. Fui até a sala tentando entender como aquela mulher chegou até mim. Encontrei uma mulher franzina, com os cabelos grisalhos em coque, óculos de grau, de armação vermelha. Ela usava um vestido branco de linho e parecia ter saído do banho de tão perfumada e fresca. A cumprimentei animado, dizendo estar feliz em revê-la.

Ela contou não se recordar de mim em seu alambique. “Recebo muitas visitas”, me disse altiva. Pediu que eu não a chamasse de “dona”’ e contou como chegou até mim. O Walter era o seu melhor amigo. Eles combinaram de vir juntos ao meu aniversário. Ela ficou sabendo do meu apreço pela fabricação de sua destilaria e topou vir com ele.

Explicou que ficou esperando o amigo vir buscá-la e, como não ele apareceu, ficou ressabiada. Com a notícia da sua morte dias depois, quis cumprir a promessa de me trazer a aguardente. Havia prometido vir com ele ao meu aniversário.

Agradeci consternado. Abri a garrafa e senti um cheiro bom, frutado. Disse que, depois do jantar, não deixaria de experimentar. Passamos algum tempo falando do nosso amigo. Recordei de nossa visita, lembrando que quando entramos no salão onde ela deposita os barris de carvalho, ela estava deitada descalça na rede, tirando um cochilo.



Ela então lembrou-se da visita e disse que levou um susto com o timbre grave do Walter, a acordando do seu cochilo da tarde. Ouvi poesia quando mencionou que a sua cachaça gosta de envelhecer com ela por perto. Ninguém entende como deixo uma rede no meio do salão, me disse, emendando que o silêncio e a bebida descansando ao seu lado são sua melhor companhia.

Foi a segunda vez que me apaixonei por aquela senhora. Ela nem imagina o bem que sua visita me faz. Senti o meu rosto corar em vários momentos. Obrigado, Walter, eu dizia em silêncio.



Com pesar, ouvi a maçaneta da porta da frente se abrindo. Carregada de compras, era a Lucinha chegando em casa. Apresentei Carolina a ela e perdi a chance de continuar a nossa conversa, com a Lucinha por perto. Percebi que ela queria ir embora, quando pegou sua bolsa na cadeira e, sem se sentar, tomou o café, segurando somente a xícara. Disse ter de voltar cedo para o alambique no dia seguinte. Pediu um Uber e foi se dirigindo para a porta.

Minha filha insistiu para que ficasse, eu apenas disse que desceria com ela para esperar o carro.

. O carro chegou e eu a ajudei a conferir se era o veículo solicitado. Sem conseguir convidá-la para voltar ou dizer que iria visitá-la, abri a porta para ela. Com dois beijos, ela se despediu com um sorriso burocrático.

Subi cabisbaixo no elevador, me arrependendo do que não disse. Quando voltei, Lucinha ainda estava na sala e disse ter ficado feliz por ter me visto com a roupa escolhida por ela. Parecia curiosa por eu receber uma visita de mulher. Cortei logo a conversa, dei um suspiro, disse estar cansado, fui para o meu quarto, tentar me recompor.



INVENTÁRIO DAS COISAS QUE OUVIAM

Axé Silva

as coisas da casa me escutavam antes de eu falar.
a torneira anotava soluços em gotas.
a porta conhecia o timbre da culpa.

cataloguei tudo para não enlouquecer:
— cadeira: range quando alguém decide ir embora.
— relógio: adianta o tempo quando a vergonha entra.
— cortina: aprende a coreografia do vento triste.

um dia, o abajur pediu para me contar um segredo:
“foste tu que apagaste a voz, não a luz.”
eu quis negar, mas a tomada me olhou com faíscas.

à noite, os objetos fizeram assembleia.
a estante propôs um voto: devolver-me o que me faltava.
o espelho foi contra: “ele não sabe onde pôr.”

as coisas decidiram falar por mim.
no café, o bule pediu perdão à xícara.
na sala, o tapete acolheu passos descalços de quem não voltou.
no quarto, o travesseiro escreveu uma carta:
“assumo a insônia em teu lugar até que aprendas a dormir sem medo.”

dormi. acordei com a casa em silêncio.
não porque se calara,
mas porque finalmente me ouvira.



Todas as fotografias utilizadas nesta edição estão acessíveis gratuitamente em Pexels.com

Nenhuma pessoa pagou qualquer valor para ter suas obras ou entrevistas publicadas

A revista Górgona é gratuita e não pode ser comercializada.





HUB
GÓRGONA